

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
DEPARTAMENTO DE CINEMA E VÍDEO

MARIA DE ALMEIDA BRAGA PARANAGUÁ

VÍDEO AMBIENTAL: UM CAMINHO POSSÍVEL PARA A
CONSTRUÇÃO DE UMA PRÁTICA EDUCATIVA
DIALÓGICA

Niterói

2013

MARIA DE ALMEIDA BRAGA PARANAGUÁ

**VÍDEO AMBIENTAL: UM CAMINHO POSSÍVEL
PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA PRÁTICA
EDUCATIVA DIALÓGICA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientadora: Prof. Eliany Salvatierra

Niterói

2013

Para todos os educandos que já passaram pela minha vida, que me proporcionaram tanto amor e felicidade, que tanto me ensinaram e inspiraram ao longo do meu caminho...

AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda a minha família, por todo amor e carinho, em especial a minha mãe, Nina, por todo o apoio e aprendizado, por tanto me ajudar nessa caminhada. A meus amigos de sempre, a minha segunda família, por toda a beleza que trazem para a minha vida. Ao meu amor Pedro, por transformar minha vida em uma mistura de poesia e sonho, por sensações impossíveis de serem descritas em simples palavras. Cada um de vocês foi essencial para a criação deste trabalho. Obrigada por tanto me ouvirem e me ajudarem nos momentos de crise, por transformarem esses instantes em sorrisos e risadas.

A todas as crianças e adolescentes que tive o privilégio de ensinar, principalmente aqueles do Vídeo Ambiental 2013 nas E.M. Armando Fajardo e E.M. Ministro Lafayette, pela dedicação e entusiasmos contagiantes, pelas aulas repletas de amor e felicidade, por me transformarem diariamente, por me fazerem acreditar e lutar por uma educação mais justa. Igualmente a todos que fizeram parte do nosso processo, principalmente a Sofia e Michele, por toda a parceria e amizade.

A todos os educadores que já cruzaram meu caminho, em especial a minha orientadora Eliany, por todo o apoio e incentivo, por tanto contribuir para a minha aprendizagem como educadora. A toda a equipe do Vídeo Ambiental e da Imagine Filmes, pela oportunidade de participar de um projeto de tamanha beleza.

“Eu nunca poderia pensar em educação sem amor. É por isso que eu me considero um educador: acima de tudo porque eu sinto amor.” – Paulo Freire

RESUMO

“Vídeo Ambiental: um caminho possível para a construção de uma prática dialógica” trata-se de um estudo sobre o Vídeo Ambiental, uma oficina de ensino de cinema e educação ambiental, a partir de uma experiência própria. Através da elaboração de um diário, registro e análise meu trabalho como educadora do projeto na Escola Municipal Armando Fajardo, localizada no conjunto habitacional da Cidade Alta, Cordovil. Os relatos buscam demonstrar e aprofundar a metodologia do Vídeo Ambiental na prática, assim como apontam características acerca da região estudada, a negligência em relação ao sistema educacional público e críticas ao ensino tradicional de ensino. Em constante interlocução com a pedagogia defendida por Paulo Freire, este trabalho discute a possibilidade de construção de uma educação crítica-dialógica no Brasil.

Palavras-chave: Vídeo Ambiental, cinema, educação.

SUMÁRIO

Introdução	8
1. O Vídeo Ambiental	11
1.1 Metodologia do Vídeo Ambiental	13
1.2 Objetivos do Vídeo Ambiental	18
1.3 Origem do Vídeo Ambiental	19
1.4 Experiência pessoal no Vídeo Ambiental	20
1.5 Referencial teórico	23
2. Diário do Vídeo Ambiental na E.M. Armando Fajardo em 2013	30
2.1 Cineclube	30
2.2 Ausência de aula	31
2.3 Greve	33
2.4 Árvore dos sonhos parte 1	35
2.5 Árvore dos sonhos parte 2	38
2.6 Mapa falado parte 1	41
2.7 Mapa falado parte 2	42
2.8 Introdução a educação ambiental	45
2.9 Introdução ao cinema	48
2.10 Passeio pelo bairro	50
2.11 Ausência de aula	54
2.12 Análise das entrevistas e prática do audiovisual	55
2.13 Stop-motion	58

2.14 Ausência de aula	60
2.15 Exibição e discussão sobre “Ilha das Flores”	61
2.16 Idéias para o roteiro do nosso filme	64
2.17 Criação da escaleta do filme	68
2.18 Pré-produção	71
2.19 Primeiro dia de filmagem	73
2.20 Segundo dia de filmagem	75
2.21 Terceiro dia de filmagem	77
2.22 Quarto dia de filmagem	79
3. Tecendo análises do processo	81
3.1 Análise do diário do Vídeo Ambiental na E.M. Armando Fajardo	81
3.2 As diferentes relações de opressão na Cidade Alta	88
Considerações finais	95
Referências bibliográficas	98

INTRODUÇÃO

Nesta monografia, pretendo registrar e analisar o projeto Vídeo Ambiental a partir de minha¹ própria experiência. Trata-se de uma oficina de cinema e educação ambiental destinada a alunos da rede municipal do Rio de Janeiro. O Vídeo ambiental é uma iniciativa da produtora Imagine Filmes em parceria com a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Insere-se dentro do Programa Segundo Turno Cultural, uma ação em conjunto entre a Secretaria de Educação e a de Cultura, que abrange diversos cursos da área artística em cento e cinquenta Escolas do Amanhã.²

O Vídeo Ambiental acontece desde 2008, tendo sido realizado em escolas situadas majoritariamente na Zona Norte do Rio de Janeiro, Duque de Caxias e Brasília. A oficina utiliza a metodologia da pesquisa-ação, Agenda 21, Mapa Falado, entre outros. Ao longo deste processo os participantes, com a ajuda dos educadores, produzem um curta-metragem relacionado a temática ambiental, social e/ou cultural do local onde vivem.

Atuo no projeto desde 2010 e já orientei oficinas em Costa Barros e no Complexo da Maré. Este trabalho consiste na elaboração de um diário da oficina que foi realizada no segundo semestre de 2013 na Escola Municipal Armando Fajardo, localizada no conjunto habitacional da Cidade Alta, Cordovil.

Através da narração dos acontecimentos é possível notar certas características dos alunos e como estas podem ser um reflexo da escola que frequentam e da região onde moram. Mostro, portanto, uma realidade diferente e muito distante da minha como moradora da Zona Sul e ex-estudante de uma escola particular. Nas sutilezas de simples

¹ Eu, Maria Paranaguá, estudante de cinema e orientadora do Vídeo Ambiental, escrevo em primeira pessoa por conta do meu envolvimento com o projeto em questão.

² O Programa Escolas do Amanhã, criado em 2009 pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, tem como objetivo reduzir a evasão escolar e melhorar a aprendizagem em 155 escolas do ensino fundamental – em torno de 15% da rede - localizadas nas áreas mais vulneráveis da cidade. O Programa desenvolve um conjunto de ações nas áreas de Educação, Saúde, Assistência Social, Esporte, Arte e Cultura, e conta com educação em tempo integral, atividades de reforço escolar, oficinas pedagógicas e culturais no contraturno, metodologias inovadoras de ensino, além de salas de saúde, leitura e informática. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/sme/exibeconteudo?id=2281500>. Data de acesso: 05/12/13

acontecimentos da nossa rotina no Vídeo Ambiental, percebo e critico as más condições sociais, ambientais, culturais e econômicas da Cidade Alta; as desvantagens e as possíveis falhas do ensino tradicional; o descaso do governo com as escolas públicas brasileiras, entre outros.

Esta monografia objetiva ainda apresentar os meus sentimentos diante dos fatos expostos nos relatos das minhas aulas. É necessário destacar o caráter extremamente pessoal deste trabalho, ao se tratar de um diário sobre a minha própria vivência. Acredito que estaria agindo de forma impessoal e distante se não expressasse o que experimentei ao longo do processo. Além do mais, defendo e incentivo que meus alunos expressem não apenas suas opiniões, mas também seus sonhos, seus medos, suas emoções etc. Portanto, poderia estar me contradizendo caso não fizesse o mesmo.

A meu ver, o projeto Vídeo Ambiental é de extrema importância para seus participantes. Esta é uma das razões, portanto, da escolha deste tema. Em primeiro lugar, é relevante falar a respeito do contato de crianças com a arte. Toda arte é uma forma de expressão. É raro que em suas escolas os alunos tenham espaço para tal. Em seus filmes as crianças têm voz para expressar seus desejos, suas aflições, suas sensações etc. Acredito que o diálogo, a reflexão e a expressão são necessários em qualquer ambiente de integração entre seres humanos, principalmente nas escolas que são locais de formação.

Da primeira a última aula, o projeto procura instigar seus alunos a pensar sobre diversos assuntos. A partir destas reflexões, as crianças são incentivadas a criar um ponto de vista acerca do mundo, do lugar onde vivem, das pessoas que as cercam, entre outros. Estimulamos um questionamento e o desenvolvimento do senso crítico, o qual tende a ser escasso tanto nas escolas, quanto na educação dada pelos pais. Os filmes mostram o resultado final da liberdade de expressão e da relação dialógica que foi exercida ao longo de todo o processo.

É necessário, ainda, ressaltar o local aonde ocorrem as oficinas do Vídeo Ambiental. Complexo da Maré, Costa Barros, Santa Cruz, Cidade Alta etc. são locais aonde a produção cinematográfica é pequena ou inexistente. A oficina leva o audiovisual para crianças que provavelmente nunca pensariam em fazer um filme. Na sua exibição na escola e no bairro, os demais alunos e os moradores vêem que é

possível fazer cinema aonde vivem. Desse modo, além de passar a sua própria mensagem em seus filmes, os alunos incentivam outras pessoas a fazer o mesmo.

O estudo de caso do Vídeo Ambiental é de grande auxílio para minha formação. Com exceção da elaboração de um breve relatório ao final do processo, não costumo me estender em análises escritas. Com o diário, tenho registrado as minhas propostas de atividade, o modo como as orientei e o desempenho dos alunos. A partir daí, é possível realizar uma espécie de auto-análise da minha prática pedagógica, observando e refletindo acerca dos meus erros e acertos. Por meio do aprofundamento a ser trabalhado nesta monografia, acredito que posso me aperfeiçoar enquanto educadora.

Esta monografia foi dividida em três capítulos. O primeiro apresenta o projeto Vídeo Ambiental, discorrendo acerca de sua origem, sua metodologia e seus principais objetivos e pressupostos. O segundo trata-se do diário no qual relato, dia após dia, o que ocorre nas minhas aulas de forma detalhada, fazendo uma análise do desenvolvimento das atividades propostas pela oficina. Por fim, o terceiro capítulo se propõe a analisar o diário como um todo. Busco aprofundar determinadas questões levantadas a partir deste registro como a crítica a educação tradicional, a péssima qualidade da educação pública brasileira e as condições precárias em que vivem os moradores da Cidade Alta; estabelecendo uma interlocução com a educação crítico-dialógica defendida por Paulo Freire.

CAPÍTULO 1. O VÍDEO AMBIENTAL

O primeiro capítulo desta monografia tem como objetivo discorrer acerca do projeto Vídeo Ambiental. Apresento seus principais pressupostos e objetivos, sua origem e metodologia na tentativa de promover uma compreensão do projeto como um todo. Pretendo, ainda, demonstrar a relação existente entre o Vídeo Ambiental e a pedagogia do educador Paulo Freire expressa nos livros “Pedagogia da Autonomia” (2011) e “Pedagogia do Oprimido” (2013). A partir daí, este trabalho segue para um relato detalhado da minha experiência como educadora na oficina, utilizando o formato de diário.

Como indicado anteriormente, o Vídeo Ambiental consiste em um projeto de oficinas de cinema e educação ambiental destinadas a crianças e adolescentes. No Rio de Janeiro, o projeto está inserido no Programa Segundo Turno Cultural, o qual promove diversas oficinas artísticas realizadas no contra turno dos alunos. Esta iniciativa visa atender a carência das atividades culturais encontrada não apenas nas escolas atingidas pelo programa, mas também no seu entorno. Muitas vezes, os locais escolhidos para os cursos têm poucas opções de lazer e sofrem com a forte presença da violência e do tráfico de drogas. Dessa maneira, o Segundo Turno Cultural objetiva direcionar o tempo livre de uma grande quantidade de estudantes para o aprendizado artístico.

O Vídeo Ambiental foi criado em 2008 pelos profissionais Eduardo Strucchi e Pedro Sol.³ Surgiu como mais um projeto da produtora Imagine Filmes⁴, fundada no ano de 2003. No Rio de Janeiro já passou por diversas escolas da rede municipal em locais como Duque de Caxias, Costa Barros, Complexo do Alemão, Santa Cruz, Complexo da Maré, Campo Grande, Cidade Alta, Vila Isabel, Morro dos Macacos, entre outros. Nos últimos anos o projeto se expandiu para Brasília, totalizando quarenta e oito escolas até o momento atual. Como aponta o próprio termo oficina, as aulas são basicamente práticas, diferenciando-se daquelas que os alunos normalmente estão acostumados. Após realizar um diagnóstico sócio-ambiental e cultural do local aonde

³ Disponível em www.videoambiental.org Data de acesso: 05/12/13

⁴ Disponível em <http://imaginecultura.com.br> Data de acesso: 05/12/13

moram, os participantes produzem um curta-metragem que reflete as problemáticas identificadas na pesquisa.

A proposta do Vídeo Ambiental é a de favorecer uma atuação do indivíduo como protagonista de sua história na região onde vive, assim como a valorização de sua cultura, tradição e trabalho. Desta forma, pretende-se potencializar o papel de crianças e adolescentes e outros grupos participantes do projeto como articuladores e promotores de ações que transformem e beneficiem o lugar em questão.

Na medida em que o roteiro criado pelos alunos aponta a realidade local, o projeto possibilita a elaboração de um mapeamento das pressões socioambientais que mais afligem o bairro. Como resultado temos a produção de um filme de aproximadamente dez minutos em cada escola, o que constitui uma importante fonte de informações para uma eventual criação e execução de políticas públicas voltadas aos anseios dos moradores das regiões participantes da oficina.

O primeiro e o último momentos são marcados, consecutivamente, pela construção de diagnósticos e pela edição de um vídeo de aproximadamente dez minutos. O processo é composto de vinte e quatro aulas com duração de duas horas cada uma. Cada escola conta com dois orientadores, os quais podem ter diversas formações. Esta denominação de orientador já carrega em si uma certa autonomia, pois indica que o ensino deve ser apenas uma orientação e não uma instrução, podendo se diferenciar, assim, do educador que é chamado de professor. A turma pode ser constituída por professores, alunos e funcionários da escola, assim como por moradores do entorno. Normalmente a faixa etária dos participantes está entre nove e quatorze anos. O grupo pode ser formado por alunos de diferentes turmas e idades, dependendo do interesse pessoal de cada um.

As manifestações artísticas e o desenvolvimento do senso crítico, ao meu ver, são os principais objetivos do Vídeo Ambiental. A maioria das escolas tradicionais não abre espaço para a reflexão, criatividade e liberdade de expressão. Na oficina de cinema e educação ambiental, os participantes demonstram suas opiniões, sentimentos, desejos, entre outros. Os alunos também são estimulados a olhar de forma crítica todos os elementos a nossa volta. No Vídeo Ambiental, a definição de meio ambiente engloba não apenas as florestas, animais, rios, mas também os prédios, as ruas, as pessoas, a

escola, a igreja e tudo aquilo que os cerca. A partir daí, dá-se o processo de conscientização ambiental.

Estas questões são trabalhadas tanto através do ensino da linguagem e técnica audiovisual, quanto da educação ambiental. Ambos caminham juntos ao longo de todo o processo, numa interdisciplinariedade. Acredito tanto na eficácia da junção dessas duas disciplinas que tenho dificuldades para imaginar uma dicotomia entre as mesmas. A elaboração de um diagnóstico sócio-ambiental e cultural da região é essencial para a construção do roteiro, da mesma forma que as ferramentas audiovisuais são indispensáveis para este diagnóstico e assim por diante.

1.1 Metodologia do Vídeo Ambiental

O Vídeo Ambiental mistura diversas linhas metodológicas como a pesquisa-ação, mapa falado, árvore dos sonhos, entre outros. A pesquisa-ação é abordada por diversos teóricos da educação, inclusive Paulo Freire. Baseia-se na idéia de construção das ações educativas como pesquisa e da pesquisa das próprias ações. Na medida em que a árvore dos sonhos, o mapa falado, as entrevistas, entre outras atividades realizadas na construção do diagnóstico sócio-ambiental e cultural usam os princípios da pesquisa-ação para se estabelecer, percebemos que esta metodologia está presente em todo o processo da oficina. O filme, reflexo do diagnóstico participativo, também é um trabalho de pesquisa.

A II Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento – a Rio/92 – objetivava pensar novas alternativas para um desenvolvimento da sociedade mais comprometido com o meio ambiente. A conferência, ocorrida no Rio de Janeiro em 1992, estabeleceu uma série de metas e ações para a construção de um mundo ambientalmente melhor. Entre estas, surgiu a Agenda 21, uma ação que compromete cento e setenta e nove países a assumirem “*a construção de um novo modelo de desenvolvimento que resulte em melhor qualidade de vida para a humanidade e que seja econômica, social e ambientalmente sustentável.*” (Formando COM-VIDA, MMA/MEC, 2004).

Neste contexto, surge em 2003 a “Agenda 21 na escola”, a qual propõe a implementação da educação ambiental na instituição escolar. Uma das metodologias usadas é a “Oficina do Futuro”, que consiste na elaboração de um diagnóstico sócio-ambiental e na intervenção social através de três atividades: a árvore dos sonhos, as pedras no caminho e o jornal mural. O Vídeo Ambiental buscou nessa metodologia apenas a árvore dos sonhos, atividade em que uma árvore é fisicamente construída e suas frutas apresentam os sonhos dos alunos para o local aonde vivem, registrados numa folha de papel ou cartolina.

As pedras no caminho são os possíveis obstáculos para o alcance desses sonhos. Já o jornal mural trata-se de um painel na escola que mostra a história da região estudada e suas atuais problemáticas, por meio de fotografias, desenhos, filmes etc. O Vídeo Ambiental, porém, adaptou a idéia de “pedras no caminho”, na medida em que propõe apenas a realização de caminhos para os sonhos, deixando a idéia dos obstáculos de lado. O jornal mural também foi compreendido de forma diferenciada pelo projeto que optou por dinamizar essa mídia, pensando, portanto, na idéia de um filme refletir o diagnóstico do local.

O Vídeo Ambiental também utiliza como referência diferentes exercícios de educadores de cinema e audiovisual nas escolas. É o caso do “Minuto Lumiere”, criado pelo cineasta e professor Alain Bergala. Os alunos dividem-se em grupos para filmar da maneira como os irmãos Lumiere, lá no fim do século XIX, realizaram o primeiro filme. Cada grupo cria uma cena simples de no máximo um minuto e sem som. A partir de uma análise das filmagens, inicia-se uma discussão acerca da linguagem cinematográfica.

A partir desses pressupostos, o coordenador do projeto elaborou um manual pedagógico do Vídeo Ambiental, no qual sugere um plano de aula para os orientadores. Este contém a explicação detalhada das atividades a serem trabalhadas em sala e seus principais objetivos. O manual também discorre acerca das seis etapas nas quais a oficina se divide: 1) Construção de diagnósticos e articulação; 2) Introdução ao audiovisual; 3) Desenvolvimento do roteiro; 4) Produção e gravação do vídeo; 5) Edição do vídeo; 6) Exibição do vídeo na escola participante, havendo debate com o bairro e publicação na internet. Felizmente, temos total liberdade e autonomia para planejar nossas aulas, de maneira que se enquadrem nas principais finalidades do

projeto e cumpram a tarefa de realizar um curta-metragem. O manual pedagógico serve, portanto, apenas como uma ferramenta de ajuda e orientação ao longo do processo da oficina.

A metodologia do Vídeo Ambiental está em constante diálogo com a teoria da educação elaborada por Paulo Freire. Em seu livro “Pedagogia da Autonomia” (2011), o autor pernambucano reflete sobre a relação educadores-educandos, defendendo os saberes necessários para a construção de uma prática dialógica, ética, horizontal e crítica. Segundo o intelectual:

“É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” (FREIRE, 2011, p. 24)

Este primeiro saber expresso em “Pedagogia da Autonomia” está relacionado com o Vídeo Ambiental no sentido em que os participantes da oficina fazem um curta-metragem a partir de aulas práticas e teóricas sobre o processo de produção cinematográfica. Este filme é de autoria das crianças e/ou adolescentes, no qual o roteiro, a câmera, o som, a arte são feitos por eles, apenas com o auxílio dos orientadores. Dessa forma, os educandos produzem o conhecimento obtido nas aulas do projeto, as quais foram direcionadas para criar tais possibilidades. Sobre este assunto, Paulo Freire afirma:

“Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo.” (FREIRE, 2011, p. 28)

No projeto em que trabalho, os educadores e educandos são ambos sujeitos do processo. Um dos principais objetivos é dar as possibilidades para que os indivíduos sejam protagonistas da história da região onde vivem, identificando as problemáticas e transformando a realidade do seu entorno. Em todos os exercícios da oficina, principalmente no filme, incentivo que as crianças e/ou adolescentes sejam cada vez mais autônomos. São os próprios alunos que trazem para as aulas os conteúdos a serem trabalhados, através de seus sonhos registrados na “árvore dos sonhos”, de sua percepção geográfica do seu bairro expressa no “mapa falado”, das entrevistas que realizam, entre outros. Os orientadores apresentam determinados conhecimentos, os quais são aprendidos na prática, de forma que os participantes tornam-se igualmente sujeitos de sua construção e reflexão. A respeito deste aspecto, o autor pernambucano diz:

“Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais e a experiência social que eles têm como indivíduos?” (FREIRE, 2011, p. 32)

Levando em conta que os saberes curriculares do Vídeo Ambiental são conhecimentos das áreas de cinema e educação ambiental, estabelecemos esta “intimidade” entre estes e a experiência dos educandos. O primeiro momento é marcado pelo diagnóstico sócio-ambiental e cultural da região, aonde a sua realidade é o principal objeto de estudo. São identificadas, portanto, as problemáticas do local, as quais refletem os pontos levantados no roteiro do filme. Tais fatos estão diretamente ligados a um outra questão abordada no livro mencionado acima:

“A formação dos professores e das professoras devia insistir na constituição deste saber necessário e que me faz certo desta coisa óbvia, que é a importância inegável que tem sobre nós o contorno ecológico, social e econômico em que vivemos. E ao saber teórico desta influência teríamos que juntar o saber teórico-prático da realidade concreta em que os professores

trabalham. Já sei, não há dúvida, que as condições materiais em que e sob que vivem os educandos lhe condicionam a compreensão do próprio mundo, sua capacidade de aprender, de responder aos desafios. Preciso, agora, saber ou abrir-me a realidade desses alunos com quem partilho a minha atividade pedagógica.” (FREIRE, 2011, p. 134)

Outro saber apresentado pelo mestre em “Pedagogia da Autonomia” (2011) que se relaciona com o Vídeo Ambiental é o de que “*ensinar exige saber escutar*”. No projeto em que trabalho, incentivamos a expressão de opiniões, desejos, sonhos, entre outros. Como orientadora, estou sempre atenta as falas de meus alunos, pois é através de suas diferentes manifestações que construímos o diagnóstico da região e as criações artísticas provenientes do mesmo. Portanto, a postura do educador não deve ser autoritária, no sentido de que os professores não podem se comportar como os portadores da verdade a qual a criança ou adolescente tem de ser submetido. Nesse contexto, poderia ocorrer a “*verticalização*” tão criticada por Paulo Freire.

No Vídeo Ambiental, utilizamos o “bastão da fala”, um instrumento de madeira usado por diversas tribos indígenas que simboliza o poder da fala. Nos momentos de debate ou leitura em uma roda, aquele que detém o bastão tem direito a fala, enquanto todos devem permanecer em silêncio, escutando e aguardando pela sua vez de falar. Na oficina, todos são igualmente respeitados, na medida em que tanto os orientadores, quanto os participantes, têm direitos iguais sobre o “bastão da fala”. Segundo o educador pernambucano, “*a importância do silêncio no espaço da comunicação é fundamental*”:

“No processo da fala e da escuta, a disciplina do silêncio a ser assumida com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um sine qua da comunicação dialógica. O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la. Quem tem o que dizer tem igualmente o direito e o dever de dizê-lo. É preciso, porém, que quem tem o que dizer saiba, sem sombra de dúvida, não ser o único ou a única a ter o que dizer. Mais ainda, que o que tem a dizer não é necessariamente, por mais importante que seja, a verdade alvissareira por todos esperada. É preciso que

quem tem o que dizer saiba, sem dúvida nenhuma, que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar a sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado.” (FREIRE, 2011, p. 114)

1.2 Objetivos do Vídeo Ambiental⁵

Educação ambiental

- Ampliar a percepção socioambiental com atividades pedagógicas com foco na preservação da natureza
- Proporcionar atividades de plantio e caminhadas
- Introduzir conceitos de educação ambiental para nivelamento e participação integral da escola
- Apontar a realidade local, a partir da construção de um mapeamento das pressões ambientais do bairro

Território / Memória

- Possibilitar a avaliação do indivíduo como protagonista de sua história na região onde vive, assim como a valorização de sua cultura, tradição e trabalho
- Pesquisar a memória social local através do registro audiovisual de narrativas orais da história do bairro
- Ampliar a relação escola-comunidade para a transformação do conflito com responsabilidade local

⁵ Organização feita pelo Vídeo Ambiental disponível em <https://docs.google.com/file/d/0BxbZIp6ByFcxZDKyZWZiMmUtNmJiMy00MDI0LWFhYTQtNjQwMlW15ZDAwYjQ4/edit?hl=en&authkey=CKfaw64C> Data de acesso: 05/12/13

Educomunicação

- Construir ferramentas de articulação e de comunicação como suporte continuado para escolas
- Produzir um vídeo de intervenção da realidade local
- Potencializar a escola para promoção de ações que contribuem para a melhoria da qualidade do ambiente
- Constituir uma fonte de informações para a criação e a execução de políticas públicas voltadas aos anseios dos moradores das regiões participantes da oficina
- Servir como inspiração para o desenvolvimento do Projeto Político Pedagógico (PPP) da unidade escolar
- Realizar o mapeamento socioambiental dos bairros participantes da oficina
- Divulgar o resultado destas oficinas no Canal Vídeo Ambiental: www.videoambiental.org

1.3 Origem do Vídeo Ambiental

O Vídeo Ambiental surgiu em 2008, inserido dentro do Programa de Educação Ambiental (PEA) de Duque de Caxias. Patrocinado pela construtora Delta, o programa foi uma medida compensatória ambiental exigida após a empresa assumir a licitação de coleta de lixo urbana de todo o município de Caxias. O tema principal do PEA era o lixo, o qual foi abordado através de diversas ações como teatro, palestras e produções audiovisuais. Primeiramente, o Vídeo Ambiental ocorreu em oito escolas e o número de encontros foi inferior aos vinte e quatro atuais.

No ano seguinte, Jandira Feghali se tornou secretária de cultura e instituiu o Segundo Turno Cultural. Atualmente, o Vídeo Ambiental continua inserido dentro deste programa. As aulas são dadas por dois orientadores, os quais são selecionados através de entrevistas e o principal critério de escolha é a experiência ou a afinidade com a

pedagogia e/ou o audiovisual. A equipe do projeto ainda conta com técnicos audiovisuais, o coordenador pedagógico, o diretor e o produtor da Imagine Filmes.

1.4 Experiência pessoal no Vídeo Ambiental

Meu primeiro trabalho no Vídeo Ambiental ocorreu em 2010. Como estudante do curso de Cinema e Audiovisual da UFF, fui convidada por Sofia Maldonado, que já trabalhava como orientadora, e pelo Pedro Sol, fundador do projeto, para participar como estagiária. Sofia já tinha dado início a oficina nas escolas E.M. Fernando Rodrigues e CIEP Rubens Gomes, localizadas na comunidade de Costa Barros, quando sua parceira deixou o trabalho, liberando uma vaga para estágio. Comecei a dar aulas um pouco após as primeiras atividades, perdendo, portanto, etapas importantes como a árvore dos sonhos e o mapa falado. Tal fato não foi nenhum empecilho, pois Sofia me explicou com clareza a maneira como tinham se desenvolvido estas tarefas e o ponto em que estávamos no momento.

Recebi, então, o manual do Vídeo Ambiental. A partir de sua leitura e de reuniões com os coordenadores do projeto consegui me preparar para entrar em sala de aula, pela primeira vez como professora, com apenas dezenove anos. Na época, o meu nervosismo era imenso e continua sendo até hoje. Apesar de meu cargo ser denominado como estagiária, nossas aulas eram dadas por ambas e minhas responsabilidades são iguais as que eu tenho hoje como orientadora. Naquele momento meu trabalho foi muito mais difícil, mas sempre foi feito com muito amor e dedicação. A razão desta dificuldade se deve não somente ao fato de ter sido o meu primeiro contato com a docência, mas também pelo grande desafio de dar aulas em uma das minhas turmas.

Na escola CIEP Rubens Gomes, formamos um grupo de cerca de vinte alunos na faixa etária de dez a onze anos. Ao longo de toda a oficina, lutamos contra a bagunça e a desorganização que se instaurava na maioria dos encontros. Os estudantes, além de serem extremamente dispersos, pareciam não sentir vontade alguma de realizar as atividades propostas. O processo foi árduo, principalmente durante a etapa das filmagens. Localizada na região com o menor Índice de Desenvolvimento Humano

(IDH) do município, me deparei com uma realidade completamente oposta a minha. Costa Barros é fortemente atingida pela miséria e violência, aonde seus habitantes enfrentam problemas que a maioria dos moradores da Zona Sul não conseguem nem imaginar.

Na outra escola, a E.M. Fernando Rodrigues, o diagnóstico sócio-ambiental e cultural também nos revelou uma triste situação. Os alunos, porém, eram calmos e dedicados, esperando ansiosamente pela nossa chegada nos dias da oficina. Em ambas as escolas, entretanto, sofremos com a perda de aulas por conta de operações policiais ou conflitos entre diferentes facções de drogas e diversos problemas oriundos da precariedade do sistema educacional público brasileiro. Tivemos que adaptar nosso plano de aula em vista destas adversidades, terminando o ano letivo ainda com as filmagens. A importante etapa da exibição do filme na escola e na comunidade ficou para o ano seguinte, após o término do projeto.

Em 2011, me ausentei do projeto por conta de oportunidades de trabalho no mercado cinematográfico. No ano seguinte, fui chamada para retornar, desta vez como orientadora. Com a minha nova parceira, Ananda Bevacqua, iniciamos a oficina em duas escolas, com uma turma de cerca de quinze alunos em cada. Ambas se encontram uma ao lado do outra, na comunidade da Nova Holanda, no Complexo da Maré.

No CIEP Samora Machel construímos um grupo de alunos entre nove e onze anos. Percebemos, desde o início, a grande sensibilidade e talento das crianças. Os alunos eram sempre muito receptivos, realizando as atividades com muito carinho e entusiasmo. O filme que produzimos ao longo de quatro meses foi um reflexo de tais características. A partir de um trocadilho, “Amar é” conta belas histórias de transformação e amor na Maré. Em um documentário de dez minutos, optamos por ressaltar apenas o lado bom desta comunidade, mostrando que o local está repleto de cultura e amor.

No CIEP Elis Regina, os alunos trabalharam a questão da grande quantidade de lixo nas ruas. Em “Maré reciclável”, a reciclagem é apresentada como uma alternativa para amenizar o problema vigente. Numa mistura de ficção e documentário, pré-adolescentes retrataram suas próprias visões a respeito da Nova Holanda.

O aprendizado dos alunos e o resultado dos filmes em ambas as escolas foi bastante satisfatório. Ao longo do processo, realizamos e documentamos diversas parcerias com outros projetos culturais e ambientais como a “Lona Cultural”, o “Eco Redes”, o “Observatório das Favelas”, entre outros. Por outro lado, enfrentamos os problemas da falta de água nas escolas e da forte presença da violência na região. Devido a proximidade com a “boca” do tráfico de drogas, escutávamos com frequência o som dos fogos, helicópteros e tiroteios decorrentes das operações policiais e dos confrontos entre diferentes facções. Sentíamos as consequências destes fatores tanto em algumas atitudes violentas entre participantes do CIEP Elis Regina, quanto nas frequentes alterações em nosso cronograma por conta das aulas perdidas.

No ano de 2013, continuei meu trabalho como orientadora no projeto Vídeo Ambiental em duas outras escolas. De agosto a dezembro, ensinei crianças e adolescentes na E.M. Armando Fajardo e na E.M. Ministro Lafayette, ambas localizadas no conjunto habitacional da Cidade Alta, no bairro de Cordovil, Zona Norte do Rio de Janeiro.

Esta monografia tem o intuito de registrar e analisar uma parte do processo de realização da oficina na E.M. Armando Fajardo, desde o primeiro dia de aula até o fim da etapa das filmagens. Faço uso do formato de um diário para narrar de forma detalhada o modo como se desenvolvem as minhas aulas. Além da narração dos acontecimentos, aponto e critico as condições precárias da Cidade Alta; o ensino tradicional e a negligência do governo com o sistema educacional público brasileiro. Utilizo argumentos concretos para sustentar minha crítica como falas dos meus alunos, suas expressões e pontos de vistas registrados na maioria das atividades, diversos problemas de infra-estrutura que enfrentamos no nosso dia-a-dia, nosso próprio processo na oficina na qual buscamos um reconhecimento do território do bairro, o resultado do filme, entre outros.

1.5 Referencial teórico

Desde a minha primeira experiência como educadora, creio que o meu objetivo principal é a formação de indivíduos preparados para a vida. No Vídeo Ambiental, incentivo o desenvolvimento do senso crítico e as diferentes formas de expressão dos alunos. Numa discussão sobre violência, por exemplo, considero que o essencial é a tomada de consciência de que atos violentos são errados. Em um contexto aonde crianças e adolescentes convivem diariamente com esse problema, o debate se estende para outras questões como seus possíveis motivos, consequências e soluções. É nesse momento que acontece o estímulo a um olhar crítico, o qual provoca a elaboração de opiniões. O cinema, nesse caso, foi a principal forma de expressão artística escolhida pelo Vídeo Ambiental para a manifestação de pontos de vista acerca de uma determinada questão social, cultural e/ou ambiental da região trabalhada.

Pretendo ajudar na construção de seres humanos capazes de opinar, sentir, perguntar, pensar, lutar, criar, amar... homens que se relacionam com o mundo e com tudo aquilo que o compõe. Me preocupo muito mais com a formação moral dos educandos do que com o ensino dos conteúdos de técnica e linguagem audiovisual e de educação ambiental. A respeito deste ponto, Paulo Freire aponta:

“Transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino de conteúdos não pode dar-se alheio a formação moral do educando. Educar é substantivamente formar.” (FREIRE, 2011, p. 34 e 35)

Ao falar em “*puro treinamento técnico*” o autor se refere ao conceito de “*educação bancária*”, uma forma de educação autoritária na qual os professores depositam os conteúdos nas mentes dos alunos. Segundo o pedagogo:

“Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, mera incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los.” (FREIRE, 2013, p. 80 e 81)

Tanto no livro “Pedagogia da Autonomia”(2011), quanto em “Pedagogia do Oprimido”(2013), o intelectual pernambucano critica a concepção “bancária” da educação, defendendo uma prática problematizadora. Enquanto a primeira objetiva a alienação e inibe a criação e o pensamento crítico, a segunda, *“de caráter autenticamente reflexivo, implica um constante ato de desvelamento da realidade”* (FREIRE, 2013, p. 97) , se opondo a todos os valores e regras “bancários”. Acredito que algumas escolas tradicionais brasileiras, tanto públicas, quanto particulares, promovem uma educação “bancária”.

Os estudantes são obrigados a receber uma determinada matéria de forma passiva, memorizá-la e repetí-la na prova para passar de ano. Após concluírem o ensino médio, decoram uma enorme quantidade de conteúdos para passar no vestibular e entrar em um suposto bom curso numa suposta boa faculdade. Ainda seguindo o sistema capitalista, a graduação lhes permite obter um bom emprego para se tornarem adultos bem-sucedidos. Essa concepção de educação é, portanto, um reflexo de uma sociedade que valoriza o acúmulo da riqueza material, da mesma maneira que a educação em vigor também espelha esta forma de organização do mundo em que vivemos.

Pretendo romper com o sistema educacional tradicional brasileiro, promovendo uma educação crítica, dialógica e horizontal. No Vídeo Ambiental, permito que crianças e adolescentes tenham acesso a aulas bem distintas daquelas que estão acostumados. Primeiramente, a forma de organização dos alunos e orientadores dentro do espaço da sala de aula se dá em uma roda. Desse modo, ambos ficam no mesmo nível físico, incentivando os alunos a perceberem que podem e devem falar e emitir suas próprias opiniões, assim como o professor. Além disso, a roda permite uma desconstrução da relação vertical em que o educador se posiciona de pé na frente dos alunos, enquanto estes estão numa posição de inferioridade, sentados em cadeiras enfileiradas “abaixo” da figura autoritária.

No exercício da minha profissão de educadora, tento manter uma postura condizente com tudo aquilo que ensino. Se proponho discussões sobre a importância do respeito, da criação, do raciocínio e do pensar crítico; em detrimento das ações de xingar, gritar, etc, preciso trabalhar para que minhas ações correspondam a tais valores, mantendo uma postura coerente. Não posso falar para os alunos não gritarem entre si e assumir uma atitude autoritária em um momento de desorganização e berrar para que os alunos fiquem quietos. Como já mencionei anteriormente, acredito que a formação ética dos educandos é tão importante quanto o ensino dos conteúdos, que o último não pode se separar do primeiro. Em relação a este aspecto, Paulo Freire afirma:

“Ensinar, e, enquanto ensino, testemunhar aos alunos o quanto me é fundamental respeitá-los e respeitar-me são tarefas que jamais dicotomizei. Nunca me foi possível separar em dois momentos o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos. A prática docente que não há sem a discente é uma prática inteira. O ensino dos conteúdos implica o testemunho ético do professor.” (FREIRE, 2011, p. 92)

Como educadora, trabalho constantemente para me tornar uma pessoa melhor, no sentido de não transgredir a ética universal do ser humano. Sei que, enquanto docente, sou uma referência para os alunos e sinto a necessidade, portanto, de mostrar minha visão de mundo e os valores em que acredito, agindo em consonância com os mesmos. Este foi mais um saber que o grande educador brasileiro me proporcionou:

“Não posso ser professor sem me pôr diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente. Não posso escapar a apreciação dos alunos. E a maneira como eles me percebem tem importância capital para o meu desempenho. Daí, então, que uma de minhas preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo. (...) Se a minha opção é democrática, progressista não posso ter uma prática reacionária, autoritária e elitista.”, (FREIRE, 2011, p. 94 e 95)

Sinto que ainda tenho muito a amadurecer nesta aproximação entre o meu discurso e os meus atos. Percebo a grande dificuldade que existe em não me contradizer não apenas como educadora, mas também em todos as outras dimensões da minha vida. Luto, diariamente, por uma melhora neste aspecto. O meu trabalho no Vídeio Ambiental me ajuda na minha longa caminhada em busca de um amadurecimento enquanto ser humano inserido no mundo, me transformando a cada aula em que aprendo muito mais do que ensino.

“Para que isso vai servir na minha vida?” Este é um questionamento extremamente comum entre alunos de escolas tradicionais. Muitos são reprimidos pelos seus professores que respondem apenas: “Não sei, mas você precisa saber para tirar uma boa nota e passar de ano”. Esta pergunta é justa e legítima. Estudei numa escola “de qualidade”, mas não me lembro da maioria dos conteúdos que me foram ensinados. Decorava toda a matéria necessária para passar nas provas, porém esquecia tudo logo após, aprendendo somente aquilo que era de meu interesse. Conto nos dedos os momentos em que utilizei em minha vida os conteúdos que aprendi no ambiente escolar.

Creio que a instituição escolar não está adaptada a atualidade, transferindo os mesmos conhecimentos há muitos anos. Segundo Paulo Freire, a realidade é vista como algo estático e pouco se discute sobre a mesma:

“Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio a experiência existencial dos educandos, vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. A sua irrefreada ânsia. Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação.” (FREIRE, 2013, p. 79 e 80)

Desse modo, os estudantes somente memorizam conhecimentos na maioria inúteis para suas vidas. O raciocínio, a criatividade e o senso crítico são pouco ou nada

explorados. A partir do ponto em que o turno de aula é preenchido com tantas informações, não sobra tempo para a formação ética e moral dos educandos.

Além disso, o sistema tradicional de ensino parte do pressuposto de que todos os alunos são iguais, pois recebem passivamente os mesmos conteúdos das mesmas formas. Cada indivíduo possui suas particularidades, as quais deveriam ser levadas em conta no ambiente de sua formação. O documentário “Educação Proibida” aborda este assunto:

“Porque é necessário que as crianças estejam agrupadas por idades? Porque há algo implícito por trás disto, o implícito é que as crianças da mesma idade têm as mesmas afinidades, tem as mesmas capacidades, tem... são iguais. (...) Claro, se você coloca uma criança pequena num ambiente para fazer que ela acredite que é igual aos demais e todos os esforços estão em que ela veja que é igual, a criança vai se sentir igual e vai tender a se comportar igual, a se homogeneizar.”⁶

Quando a escola ensina todos da mesma maneira, cria uma homogeneidade e apaga as características pessoais de cada ser humano. As diferenças surgem nas notas. Caso seu boletim seja seis, você é aluno mediano, caso seja sete, você é regular, dez, você é exemplar, quatro, você é ruim e assim por diante. Desse modo, as provas e notas criam rótulos e estimulam uma forte competitividade. A meu ver, esta avaliação não “prova” que um determinado indivíduo sabe mais ou menos, somente incentiva um esforço mecânico de memorização. A respeito desse ponto, Paulo Freire afirma:

“Há um sinal dos tempos, entre outros, que me assusta: a insistência com que, em nome da democracia, da liberdade e da eficácia, se vem asfixiando a própria liberdade e, por extensão, a criatividade e o gosto da aventura do espírito. A liberdade de mover-nos, de arriscar-nos vem sendo submetida a uma certa padronização de fórmulas, de maneiras de ser, em relação as quais somos avaliados.” (FREIRE, 2011, p. 111)

⁶ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=n9KeDTMEYSE> Data de acesso: 05/12/13

Como estudante, sempre tive dificuldade para fazer provas por conta do nervosismo provocado pela pressão de se atingir uma boa nota. No meu caso trabalhos em casa, em grupo ou individuais, eram mais eficientes para uma aprendizagem de um determinado ponto. Ainda sobre a avaliação vigente, o pedagogo pernambucano diz:

“Os sistemas de avaliação pedagógica de alunos e de professores vêm se assumindo cada vez mais como discursos verticais, de cima para baixo, mas insistindo em passar por democráticos. A questão que se coloca a nós, enquanto professores e alunos críticos e amorosos da liberdade, não é, naturalmente, ficar contra a avaliação, de resto necessária, mas resistir aos métodos silenciadores com que ela vem sendo as vezes realizada.” (FREIRE, 2011, p. 113)

A partir desta breve visão a respeito da educação, na qual defendo uma prática problematizadora e critico os diferentes aspectos da educação “bancária”, optei pela escrita de um diário sobre a minha experiência no Vídeo Ambiental na E.M. Armando Fajardo. Um de meus objetivos com este trabalho é, portanto, refletir acerca de minha prática educativa. Na medida em que defendo uma educação crítica, preciso tanto ensinar e experimentar, quanto pensar, analisar e criticar este ensino. A ação tem de estar sempre acompanhada da reflexão, pois uma dicotomia entre as duas provocaria a ausência de criticidade. Sobre este aspecto, Paulo Freire discorre:

“A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, “desarmada”, indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigurosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. (...) O de que se precisa é possibilitar, que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica. Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico,

necessário a reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.” (FREIRE, 2011, p. 39 e 40)

A minha própria reflexão crítica sobre a prática ocorre a partir dos relatos das aulas. Através do diário, pretendo registrar as minhas ações e pensar sobre as mesmas, de modo a discutir as possibilidades de construção de uma educação problematizadora. Como educadora, compartilho da idéia de que uma relação entre *o fazer e o pensar sobre o fazer* se faz extremamente necessária. A leitura de Paulo Freire foi essencial para o meu estudo sobre uma educação crítica, dialógica e horizontal, principalmente ao tratar da importância da problematização da prática educativa.

CAPÍTULO 2 – DIÁRIO DO VÍDEO AMBIENTAL NA E.M. ARMANDO FAJARDO EM 2013

2.1 Cineclube (06/08/13)

Chegamos a escola às 13h, ansiosas pelo primeiro contato com nossos futuros alunos. Subimos até a sala de informática para preparar o cineclube. O cineclube é o momento em que os alunos são apresentados e convocados a participar da oficina. Cortinas fechadas, cadeiras arrumadas, projetor e som ligados... tudo pronto para a exibição dos filmes. Pouco a pouco foram chegando as crianças.

Antes do início da atividade, nos apresentamos e contamos um pouco do funcionamento do Vídeo Ambiental. Muitos alunos já mostraram-se interessados antes mesmo da exibição. Separadamente, turmas de quarto e quinto ano assistiram a diversas produções cinematográficas feitas no Vídeo Ambiental em 2012. Alegres com a qualidade dos filmes, animaram-se diante da perspectiva de serem as próximas crianças a também realizarem tarefa de tamanha importância.

No total, cerca de cinquenta alunos se inscreveram para participar da oficina. Anotamos todos os nomes e telefones numa lista que posteriormente foi encaminhada a direção e coordenação da escola. Como as desistências são bastante frequentes, principalmente antes da consolidação do grupo, o número elevado de alunos envolvidos pode não ser um problema neste primeiro momento. Caso na primeira aula apareçam mais de vinte e cinco alunos, o total máximo de participantes por oficina, não será possível realizar as atividades planejadas. Em vez das mesmas, faremos um processo de seleção através de dinâmicas de grupo com as quais poderemos conhecer melhor os alunos e notar os mais interessados e dispostos.

A metodologia do Vídeo Ambiental propõe um processo de seleção diferenciado daquele que vamos utilizar, caso haja necessidade, na E.M. Armando Fajardo no ano de 2013. Normalmente, quando o número de alunos é superior a capacidade da oficina, todos devem elaborar uma redação com o seguinte tema: *“Se fosse fazer um filme sobre o bairro em que a escola está localizada, pensando os problemas e as soluções para*

preservar o meio ambiente, como seria esse filme?”. A partir daí são avaliadas questões como a produção textual, a criatividade e a adequação ao tema.

Consideramos que este não seja o modo mais apropriado de selecionar os participantes. Muitos podem não escrever bem, não terem o gosto pela escrita, mas encontram na linguagem audiovisual o seu modo de expressão. Um dos objetivos do Vídeo Ambiental é incentivar e valorizar as distintas maneiras que cada criança utiliza para se expressar, seja através da escrita, do cinema, da fotografia, do teatro etc. Por isso, decidimos optar por atividades em que percebemos alguns dos pensamentos, olhares e sentimentos dos alunos, acreditando na sua maior eficácia no processo de seleção.

O primeiro contato com nossos futuros alunos foi breve, mas já bastante satisfatório. Dentro de poucos dias iniciaremos as atividades da oficina do Vídeo Ambiental. Como é bonito ver os olhos das crianças brilhando, ansiosas para libertar toda sua imaginação para a construção de um mundo melhor. Como é grande a minha gratidão em participar desse belíssimo processo.

2.2 Ausência de aula (09/08/13)

Num dia de céu claro, esperamos ansiosas pela chegada de nossos alunos. O pátio está calmo, ouvem-se apenas o burburinho e as risadas de um grupo de meninas. Sinto-me nervosa como uma criança em seu primeiro dia de aula. Levamos conosco o material necessário para a construção da árvore dos sonhos. Uma garrafa pet, papel crepon, barbante, bolas de encher e cartolinas serão os instrumentos de registro dos sonhos infantis.

O tempo passa e nenhum aluno aparece. Sinto-me frustrada, uma grande expectativa é quebrada. Já caminhando para a secretaria, surge um rosto conhecido. Danielle⁷, uma menina de cerca de 13 anos, chega sorridente. Parece animada com a

⁷ Os nomes das pessoas citadas neste trabalho foram modificados com o objetivo de preservar a privacidade de todos.

oficina. Perguntamos sobre os outros colegas, mas ela não sabe nos responder. Explicamos que infelizmente não poderíamos prosseguir com as atividades apenas com uma aluna, mas insistimos na sua presença nas próximas aulas.

Danielle diz que provavelmente não comparecerá aos outros encontros, pois sua mãe não permite. A menina cuida dos irmãos, cozinha, arruma a casa... e não sobra tempo para as aulas do Vídeo Ambiental. O motivo vai além, sua mãe alega ter medo de expor a imagem da filha em um vídeo, por conta da onda de estupros e assaltos no bairro. Apesar de entender e ser solidária com este temor, proponho que tente um diálogo com sua mãe, insistindo na importância do projeto para a sua vida.

Nos despedimos e andamos em direção a secretaria. Luciana, a diretora da escola, nos recebe sempre com muito carinho. Logo que nota nossa presença, percebe que esqueceu de algo e nos pede desculpas. Os últimos acontecimentos da escola ocuparam todos os seus pensamentos, a impedindo de lembrar da sua tarefa de entregar as autorizações para que os alunos pudessem participar do projeto.

No mesmo dia do nosso cineclube, algumas horas após, ocorreu um terrível acidente na escola. As árvores balançavam, a poeira voava pelas ruas, o barulho do vento forte cercava a escola, quando de repente um vidro da janela despencou em cima de uma menina. Os estilhaços atingiram mais duas outras crianças que também ficaram gravemente feridas. Felizmente, foram rapidamente socorridas e já recuperaram-se em suas casas.

Dois dias depois, a escola aderiu à paralisação das redes municipais e permaneceu fechada durante todo o período da tarde. Os alunos ficaram ainda mais confusos se haveria ou não a oficina, já que esperavam pelas autorizações que não foram entregues e não sabiam do paradeiro das suas aulas. Luciana nos informou ainda que a escola sofre com a ameaça de greve de professores, a qual reivindica questões como reajuste salarial, melhores condições de trabalho, planos de carreira unificados, entre outros.

Uma mistura de sensações permeia meu corpo. Sinto-me ainda um pouco frustrada pela aula perdida, um pouco desolada diante dos lamentáveis acontecimentos e um pouco apreensiva com o destino do Vídeo Ambiental em meio a possibilidade de greve. Porém a minha maior preocupação é pela minha aluna Danielle. Conversando

com a diretora, soube que essa menina possui uma história de família complicada, contendo possíveis abusos sexuais no decorrer de sua infância. Talvez o medo da veiculação de sua imagem não seja apenas de sua mãe, mas também dela própria. Espero ansiosamente que Danielle volte para a oficina e que sejamos capazes de trazer um pouco de alegria e auto-estima para a sua vida.

2.3 Greve (12/08/13 a 22/08/13)

Escola Municipal Armando Fajardo em greve. Não podemos dar início as aulas do Vídeo Ambiental. A maioria dos professores aderiram à paralisação e a escola está praticamente fechada. Os funcionários ainda trabalham normalmente, mas grande parte dos alunos não estão frequentando o ambiente escolar. Apesar de dar grande importância a nossa oficina e nos ajudar sempre que necessário, a diretora nos instruiu a não dar prosseguimento as aulas até o término da greve.

Salas vazias, pátio sossegado e corredores silenciosos caracterizam o cenário atual de muitas escolas municipais e estaduais do Rio de Janeiro. Os profissionais da educação reivindicam principalmente melhores salários, destinação de 1/3 da carga horária para planejamento pedagógico e redução da carga de quarenta para trinta horas para funcionários administrativos. A categoria de docentes municipais, como é o caso da escola atendida pelo Vídeo Ambiental, exige especificamente um reajuste salarial de 19%, maior autonomia pedagógica, o fim do bônus por meritocracia e a aprovação do Plano de Cargos e Salários.

Ao longo da semana vem ocorrendo manifestações em diversos pontos da cidade. Os professores estão lutando por uma política educacional de qualidade. A ausência de resposta do governo diante das tentativas de negociações reforça a vontade de se manifestar. Cartazes como “A educação merece respeito”, “Professor(a) sem você não dá”, “Creche não é depósito, valorização dos profissionais”, entre outros, são vistos nas passeatas dos profissionais da educação. Tais atos são uma forma de pressionar o poder público a tomar uma posição a respeito das reivindicações. Além disso, têm ocorrido assembléias para discutir o momento atual da paralisação.

O ano de 2013 ficará marcado para sempre na história do Brasil. Acredito que a expressão “O Gigante acordou” sintetiza o movimento que estamos vivendo. Em toda a

minha vida nunca presenciei tantas manifestações, nunca vi o país tão politicamente mobilizado, nunca vi tantas pessoas lutando pelos seus direitos por tanto tempo. Os brasileiros “acordaram” para a realidade em que vivem, repleta de injustiças sociais e corrupção política. A insatisfação sempre esteve presente, porém o país estava acomodado com a justificativa da grande dificuldade de mudança. Atualmente o povo saiu da inércia e clama por uma nação mais justa.

A paralisação dos professores caracteriza-se como mais um sinal de revolta diante do contexto vigente. Tal fato não desmerece seu caráter inovador. Pelo contrário, a greve da educação e suas manifestações ganham forças quando enquadradas num cenário de frequentes protestos. A atual mobilização política permite que pessoas que não trabalham com educação possam compreender e apoiar a insatisfação dos professores. Este apoio pode ser visto tanto na presença nas passeatas quanto nas próprias redes sociais. Desse modo, há uma maior divulgação da greve dos profissionais da educação, aumentando a pressão sobre o poder público para atender às reivindicações propostas.

Pessoalmente, tenho opiniões contraditórias a respeito da paralisação dos professores. Considero as exigências justas e necessárias, porém fico apreensiva com as possíveis consequências da greve para o Vídeio Ambiental. Trabalhei como orientadora em quatro escolas municipais no Rio de Janeiro e sempre enfrentei problemas de infraestrutura e falta de organização das escolas. Vivenciei professores ensinando em condições extremamente precárias, alunos sem acesso ao material escolar, salas de aulas sem qualquer tipo de ventilação, banheiros imundos, falta de espaço na escola para aulas obrigatórias, pátios repletos de lixo etc.

O acidente ocorrido na semana passada na E. M. Armando Fajardo é um exemplo concreto da falta de infra-estrutura da rede municipal. O fato de um vidro despencar sobre uma criança em plena sala de aula demonstra a péssima situação em que alunos, professores e funcionários convivem diariamente. O acontecimento também ilustra os efeitos que tais pessoas estão sujeitas a sofrer em ambientes nestas determinadas circunstâncias.

Além disso, os profissionais da educação recebem salários medíocres. É um absurdo pagar cerca de mil e quinhentos e reais aos trabalhadores responsáveis pela formação de crianças e adolescentes brasileiros. Acredito que uma medida importante para melhorar o desempenho de uma escola seja aumentar a remuneração de seus docentes, de modo que os mesmos sejam incentivados a trabalhar com mais esforço e dedicação. Compreendo, portanto, a insatisfação dos professores e sua luta por uma

mudança no atual cenário da educação brasileira.

Por outro lado, a greve vigente pode ser bastante prejudicial ao projeto do Vídeo Ambiental. Temos muito o que fazer em tão pouco tempo. Árvore dos sonhos, mapa falado, minuto Lumiere, passeio pelo bairro, filmagens e exibição do filme são algumas das atividades a serem cumpridas ao longo de vinte e quatro encontros. A paralisação atrapalha o funcionamento regular da oficina, na medida em que somos impedidas de dar nossas aulas. Preocupa-me o fato de que tal situação pode estender-se por tempo indeterminado, provocando, no caso, a redução e um desempenho ruim de certas atividades.

2.4 Árvore dos sonhos parte 1 (23/08)

A escola continua em greve. Parece que a cada dia que passa o movimento se fortalece e mais professores estão aderindo. Na verdade alguns nunca pararam e outros, provavelmente por medo de perderem seus salários, voltaram a dar aulas. Tais fatos foram de grande ajuda em nosso diálogo com a diretora. Após aguardar a confusão do momento inicial de paralisação, acabamos conseguindo sua permissão para dar início ao Vídeo Ambiental. A oficina permaneceu na inércia durante duas semanas, prejudicando o nosso cronograma de aulas. Felizmente, chegou o momento em que temos autorização para começar nossas atividades.

Primeiro dia de aula do Vídeo Ambiental na E. M. Armando Fajardo. Abrimos o portão da escola e avistamos alguns rostos conhecidos vindo em nossa direção. São os novos participantes da oficina, crianças sorridentes e repletas de entusiasmo. O grupo é pequeno, mas é composto por um número suficiente de alunos para dar início as aulas. Sinto um grande alívio ao perceber que finalmente poderemos dar prosseguimento ao projeto, após um período de instabilidade e incerteza.

Subimos as escadas e seguimos até a sala de informática. Um certo nervosismo invade meu corpo, sentimento natural diante do desafio da primeira aula. Começa a oficina do Vídeo Ambiental. Nossa primeira ação é formar uma roda e explicar aos alunos que esse vai ser sempre o nosso modo de organização no espaço da

sala de aula. Percebo algumas resistências e reclamações, principalmente quando sentamos no chão. É algo natural e esperado, tendo em vista que tais crianças estão acostumados a assistir aulas sentadas em cadeiras enfileiradas com o professor de pé a sua frente.

Realizamos uma breve apresentação do Vídeo Ambiental, explicando o funcionamento da oficina ao longo dos próximos três meses. A maioria dos alunos já sabiam da existência do projeto por conta da exibição do filme produzido na escola em 2012. Alguns perguntaram diversas vezes quando iríamos filmar, demonstrando ansiedade e animação. Posteriormente as apresentações do Vídeo Ambiental e a nossas próprias, pedimos a todos que falassem um pouco deles mesmos e expressassem o motivo pelo qual queriam participar.

O grupo é majoritariamente formado por participantes na faixa etária de nove a onze anos. São alunos mais novos do que esperava e do que estou acostumada a ensinar. Tal fato pode trazer diversas vantagens e desvantagens. Enquanto falávamos, notei os olhos inocentes e curiosos que nos rodeavam. Tal inocência é uma característica ainda muito presente em crianças dessa idade, as quais ainda não entraram na pré-adolescência. Ao mesmo tempo que representa um desafio lidar com a imaturidade de crianças menores, essa infantilidade desperta uma forte criatividade proveniente da sua abertura para sonhar e imaginar.

A primeira dinâmica da aula objetivava exercitar o movimento, o ritmo, a coordenação motora e a concentração dos alunos. Consistiu em uma roda aonde todos estavam de pé e tinham que bater com suas mãos duas vezes em suas pernas e depois estalar os dedos duas vezes, enquanto repetiam seus nomes duas vezes. Num momento posterior, a atividade ficou um pouco mais difícil quando, ao invés de repetir seu nome duas vezes, o participante teve que falar o seu nome e de outra pessoa, passando a vez para esta que tinha que falar seu nome e da próxima pessoa e assim por diante.

Em seguida realizamos a dinâmica do olhar, a qual considero de extrema relevância. Todos ficam de pé em uma roda e comunicam-se através do olhar. Se está na minha vez, tenho de escolher alguém ao meu redor e olhar bem no fundo dos seus olhos, para então trocarmos de lugar. Posteriormente a brincadeira evolui e esta troca de olhares e lugares no espaço deve vir acompanhada de um movimento. Esta atividade trabalha aspectos como a importância de olhar o outro nos olhos quando nos

comunicamos, a troca de lugar com o outro, o silêncio, a criatividade e a diminuição da vergonha na realização dos movimentos.

Após o término da dinâmica, incentivamos uma reflexão através de uma série de perguntas como “As pessoas têm o costume de se olhar nos olhos?”, “Como é a sensação de se colocar no lugar do outro?”, “Qual é a importância do olhar?”, “O que vocês sentiram ao olhar nos olhos do outro?”, entre outras. Sobre as duas últimas, Gabriela, uma menina muito amável e sorridente, respondeu: “Respeito, concentração, silêncio e responsabilidade”. Tais palavras me fizeram sorrir por dentro e por fora.

Na próxima atividade da aula, essa doce menina novamente me surpreendeu. O clima era de muita algazarra e improvisamos com o objetivo de acalmar nossos alunos. Resolvemos, portanto, propor que sentássemos todos em uma roda, de olhos fechados, para permanecer um minuto em silêncio. Algumas crianças não conseguiram parar de falar, enquanto outras ficaram abrindo os olhos e rindo umas das outras. Felizmente, notei em muitos o relaxamento e a tranquilidade que esperávamos alcançar. Indagamos sobre os seus sentimentos ao final do exercício. Gabriela nos disse que conseguiu respirar melhor e que sentiu paz.

Este momento de silêncio foi essencial para que a turma pudesse se concentrar para a escrita dos seus sonhos. Trata-se do primeiro passo para a construção da árvore dos sonhos, a qual simboliza a reflexão que o mundo provoca em cada um, identificando e registrando os desejos das crianças. Uma árvore é fisicamente construída, os materiais e superfícies que representam seu tronco, galhos e folhas ficam a critério dos orientadores. Os sonhos configuram as frutas, as quais geralmente são feitas com alguma cartolina colorida.

Antes de tudo, explicamos que os sonhos que buscávamos para a nossa árvore eram coletivos, ou seja, pensando no bem da Cidade Alta, do Rio de Janeiro, do meio ambiente, do Brasil... do mundo de uma forma geral. Cada aluno recebeu um pedaço de cartolina vermelha para escrever seu sonho. Como não tínhamos tempo suficiente, o resto da atividade ficou para a próxima aula. Enquanto conversávamos, Danielle disse com um certo ar de dúvida: “Nós podemos melhorar o mundo com amor, né?”. Senti uma grande alegria ao perceber tal sensibilidade em uma menina de apenas treze anos.

No início da aula os alunos estavam atentos, porém a concentração foi perdendo-se aos poucos. Percebemos que dois alunos em especial acabavam instaurando uma atmosfera de bagunça e desorganização, prejudicando aqueles que estavam realmente interessados. Além disso, Rodrigo e Wellington ficaram implicando durante todo o tempo com os outros alunos, xingando-os e humilhando-os. Chamamos sua atenção diversas vezes, mas não adiantou. Decidimos, portanto, falar com a diretora sobre a sua exclusão da turma. Foi uma atitude radical, porém necessária, na medida em que estavam atrapalhando os outros participantes no desenvolvimento da oficina.

2.5 Árvore dos sonhos parte 2 (26/08)

Numa segunda feira nublada, chego a escola repleta de entusiasmo. O clima cinzento contrasta com a minha alegria. Como é bom finalmente ver o Vídeo Ambiental acontecendo, sentir o contato tão especial com as crianças, ensinar e aprender tanto com esses meninos e meninas. Sinto-me privilegiada, todos os dias, em ser professora de um projeto de tamanha beleza, apesar das inúmeras dificuldades a serem enfrentadas.

Subimos para a sala de aula para terminar nossa atividade da árvore dos sonhos. Primeiramente, sentamos em uma roda para a leitura dos sonhos escritos no último encontro. Os alunos possuem desejos como “Amar o mundo ajudando as crianças carentes”, “Que as pessoas parassem de poluir o planeta”, “Acabar com o tráfico de drogas”, “Que acabassem os bandidos”, “Que tenham mais hospitais e mais escolas”, “Ser polícia e prender os bandidos”, entre outros. Tais abordam assuntos como a violência, a saúde, o meio ambiente e a educação. Temas recorrentes quando tratamos de uma realidade fortemente afetada pela carência de hospitais e escolas de qualidade, muito lixo espalhado pelas ruas e traficantes circulando com armas dia e noite pelo bairro.

Uma discussão sobre drogas e violência eclodiu a partir de uma pergunta do meu aluno Vicente: “Já legalizaram as drogas em algum país, né?”. Afirmei que o Uruguai recentemente legalizou apenas uma droga específica e que o governo era agora o

responsável pela sua venda. Iniciamos uma conversa sobre as possíveis soluções para acabar com o tráfico de drogas e com a violência no Brasil. Miguel perguntou: “Matando os bandidos?”. Respondi que todas as pessoas têm direito a vida e que quando a polícia assassina criminosos não se resolve o problema, pois surgem outros.

Continuamos a discutir acerca do assunto e surgiram diferentes opiniões acerca de medidas como a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), a legalização das drogas e o investimento na educação como possíveis soluções para acabar com o tráfico. Os alunos contaram diversas situações que enfrentam diariamente por conta da presença do mercado ilegal de drogas e da violência em seu bairro. Tiroteios, traficantes armados, gritos e surtos de “viciados” e falta de liberdade de andarem livremente são exemplos de uma rotina muito distante da nossa.

O próximo passo para a construção da árvore foi, a partir da leitura dos sonhos, decidir se os mesmos eram pensamentos coletivos ou individuais. Apenas os sonhos coletivos entraram na árvore, excluindo tais como “Ver o MC Duduzinho e ter uma moto bis”, “Crescer, construir uma família e ir para Paris”, “Ser advogado”, “Ter uma mansão e muito dinheiro”. Apesar da explicação na última aula sobre a importância de se pensar nas outras pessoas e no mundo onde vivemos e da exemplificação do que seria um sonho individual e um coletivo; algumas crianças mostraram dificuldade em compreender tal distinção e a presença de sonhos individuais foi significativa. Foram criados, portanto, alguns novos desejos com o objetivo de substituir os particulares.

Em seguida, os alunos construíram a árvore dos sonhos. O tronco foi feito com uma garrafa pet revestida de papel crepon marrom e a copa com bolas de encher e barbante. Os sonhos são os frutos, registrados em uma cartolina vermelha dividida em retângulos. O resultado foi uma bela criação de crianças que têm muito a expressar e a sonhar, que nos revelam uma triste realidade, que nos mostram que o mundo pode ser repleto de injustiças, que muitas vezes me ensinam bem mais do que eu mesma as ensino.

A próxima atividade foi refletir acerca dos possíveis caminhos para se alcançar esses sonhos. Os alunos dividiram-se em três grupos de acordo com os respectivos temas: meio ambiente, violência, saúde e educação. Foram pensadas medidas como: “Protestar contra a extinção dos animais”, “Acabar com o desmatamento da natureza”, “Limpar os rios”, “Mudar de prefeito para um que pense mais nas pessoas do que nele

mesmo”, “Fazer manutenção nas escolas, nas creches e nos hospitais”, “Aumentar os salários dos professores e dos médicos”, “Ter mais gente feliz na rua para as pessoas usarem menos drogas”, “Prender os bandidos”, “Ter uma educação melhor para as crianças”, entre outros.

A maioria das crianças demonstrou bastante dificuldade para a realização da tarefa, na medida em que tiveram que pensar por si mesmas. Notei que existe um bloqueio na sua capacidade de raciocínio. É provável que a causa disto seja o fato de que durante o ensino da maioria das escolas tradicionais se exercite pouquíssimo a reflexão e a formação de opiniões dentro das salas de aula.

Após o término da atividade, concluímos a aula com uma conversa a respeito de todos os passos para a construção da árvore, perguntando para os alunos se eles tinham achado algo complexo, o que eles tinham sentido etc. Muitos confirmaram minha observação anterior, alegando que o grau de dificuldade dos caminhos foi alto. Iniciamos, portanto, uma discussão acerca da falta de espaço e incentivo na escola para a reflexão e a criação, enfatizando a importância de ambas.

Outro obstáculo encontrado nos exercícios propostos foi o fato de um aluno se declarar como analfabeto. João, um menino de 10 anos, demonstrou resistência para elaborar o seu sonho e os caminhos. Tivemos que ajudá-lo e percebemos que, apesar de estar no terceiro ano, ele conhece as letras, mas não sabe nem ler nem escrever as palavras direito. Compreendemos, portanto, uma das razões para a escolha do seguinte caminho: “Ter uma educação melhor para as crianças”. A circunstância em que João se situa é apenas um defeito dentre muitos que podem ser encontrados na educação pública brasileira.

No decorrer da aula manteve-se uma calma e uma tranquilidade, opondo-se a desconcentração e agitação que ocorreu em parte do encontro anterior. Os participantes mostraram-se bastante empolgados e alegres com as atividades da oficina, permanecendo quietos e concentrados na maior parte do tempo. Sinto que um grupo forte está se constituindo, uma verdadeira equipe está se formando. Não posso deixar de manifestar minha satisfação em ver essas crianças se ajudando, se respeitando, criando, refletindo, trocando conhecimentos, se expressando... no caminho para a construção de um mundo melhor.

2.6 Mapa falado parte 1 (27/08)

Numa terça feira chuvosa, fomos recebidas com sorrisos e abraços. Começamos o encontro com um alongamento para despertar nossos corpos. Os alunos riram, divertiram-se com as posturas. O exercício também tem a finalidade de acalmá-los, diminuindo um pouco toda sua energia física e preparando-os para uma aula que vai exigir muita reflexão e concentração.

A atividade trata-se da elaboração do “mapa falado” da Cidade Alta. No primeiro passo, cada aluno, individualmente, recebe uma folha em branco para desenhar seu próprio mapa do local onde vive. Tal deve conter as principais áreas de relevância socioambiental e cultural do bairro. É necessário que o participante desenhe tanto sua casa, quanto a escola, para servirem como pontos de referência para a representação das ruas e dos lugares mais importantes.

Notei que a maioria das crianças enfrentou algumas adversidades para realizar a tarefa apresentada. Muitos alegaram não saber desenhar e tivemos que explicar que isto não tinha importância alguma, que o principal era o posicionamento dos locais escolhidos. Inseguros, queriam desistir da atividade e tivemos que insistir para que dessem continuidade ao mapa. Acompanhando e auxiliando-os nesse processo, percebi que a noção geográfica era algo complexo para os alunos.

A partir daí, resolvemos interromper o exercício antes do seu total cumprimento e partir para o próximo passo. Ligamos o computador e mostramos para os alunos os sites do Google Maps e Google Earth. Através do primeiro, foi possível ver toda a área da Cidade Alta, a sua localização na cidade do Rio de Janeiro, as suas ruas e alguns lugares como escolas, igrejas e pontos comerciais. Desse modo, os participantes conseguiram compreender a maneira como se dá a construção de um mapa e as noções de proporção e localização.

Utilizando a ferramenta do Google Earth, observamos o bairro visto de cima. Os alunos mostraram-se bastante empolgados ao identificarem e apontarem as suas casas, sua escola e outros lugares de sua rotina. Porém o site não disponibilizou tantas fotos quanto em algum outro lugar mais conhecido, como a Zona Sul do Rio de Janeiro, por exemplo. Procuramos, então, Copacabana, o local onde minha parceira Sofia mora. Esta

busca nos permitiu demonstrar os instrumentos de navegação disponíveis no Google Earth e explicar o modo como podem ser utilizados. As crianças ficaram impressionadas com a descoberta e a facilidade com a qual podem “enxergar” qualquer lugar do mundo com tantos detalhes.

O último passo da atividade foi a construção do “mapa falado” coletivo. Primeiramente, formamos uma roda para observar e discutir os mapas realizados individualmente. É neste momento que se realiza a “fala” que caracteriza o nome da tarefa proposta. Apontamos os pontos em comum e refletimos acerca de quais devem entrar no mapa coletivo. Os critérios são tanto a sua importância socioambiental e cultural, quanto a possibilidade de se tornarem futuras locações para o nosso filme. Áreas com poluição, com ações culturais, religiosas e sociais, rios, montanhas, ruas e quarteirões foram desenhados pelos alunos em uma cartolina branca.

Acredito que o uso das ferramentas do Google Maps e do Google Earth auxiliaram bastante no bom desempenho na construção do “mapa falado” coletivo. Os alunos pareceram estar de acordo com a escolha dos locais a serem representados, apesar de algumas discordâncias em relação a localização geográfica dos mesmos. “Bancários”, os prédios mais caros do bairro, a E. M. Armando Fajardo, os becos, tanto do samba, quanto do “crackudo”, a quadra do baile funk, uma praça “um pouco perigosa”, a Ação Comunitária, uma rua repleta de lixo, entre outros, foram algumas das ilustrações. Há um paradoxo na pluralidade de pontos culturais opondo-se as más condições ambientais e a violência presentes na Cidade Alta.

2.7 Mapa falado parte 2 (28/08)

Brincar. Uma atividade de tamanha beleza e importância na vida de uma criança. Sorrir, criar, pensar, correr, rir até chorar... Tudo isso faz parte de um constante movimento em busca de alegria e bem-estar para a vida infantil. Infelizmente, a maioria da educação tradicional abre um espaço insuficiente para brincadeiras dentro do ambiente escolar. O recreio, intervalo de no máximo trinta minutos, é o único momento em que podem dedicar-se exclusivamente para tal.

Muitos dizem que “escola não é lugar para brincadeira”. Acredito que a frase deveria sofrer uma pequena alteração no sentido em que escola não é um lugar apenas para brincadeira, tratando-se de um local tanto para diversão e entretenimento, quanto para pensamentos, aprendizados e construção de opiniões. Tais devem caminhar juntos, objetivando um bom desempenho na formação dos alunos como indivíduos preparados para o mundo. Um dos modos mais simples e mais eficazes de ensino dá-se na junção de um determinado conteúdo com a ação de brincar. Existem diversas educações alternativas, como a Pedagogia Waldorf, por exemplo, que funcionam dessa maneira e os estudantes são incentivados a terem vontade de aprender.

Estes são alguns dos motivos pelos quais iniciamos, em praticamente todos os encontros do Vídeo Ambiental, com brincadeiras ou dinâmicas lúdicas. Hoje realizamos o “hu ya”, uma brincadeira simples que exige sorte e concentração. Ficamos todos de pé em uma roda e giramos nossos braços, gritando “hu ya”. Ao final do grito, temos quatro opções de animais para imitarmos com nossas mãos, o tigre, o pássaro, a cobra e o coelho. Os participantes que fazem o mesmo gesto de quem está com a vez, saem da roda. Foi essencial para que as crianças estimulassem seus corpos e suas mentes e liberassem um pouco de toda a sua energia para manter a atenção no decorrer da aula. Além disso, elas se divertiram muito e creio que tal fato já é, por si só, de grande importância.

A próxima atividade da aula foi o término do mapa falado. No último encontro, não tivemos tempo de colorir e nem de finalizar todos os desenhos escolhidos. Infelizmente, a realização de tais tarefas deu-se de forma barulhenta e desorganizada. Em vários momentos, alguns alunos disputaram por quem ia colorir ou desenhar determinado ponto, muitos queriam fazer tudo ao mesmo tempo, e tudo isto provocou uma grande bagunça. Além do mais, a maioria das crianças ficou apontando dedos umas para as outras, acusando-se de terem representado os pontos de interesse na localização geográfica errada ou mesmo de não saberem desenhar. A atividade acabou demorando muito mais do que imaginávamos.

A partir daí, tivemos que intervir em diversos momentos tanto organizando o revezamento dos alunos nas tarefas que ainda faltavam, quanto chamando a atenção daqueles que estavam acusando outro colega. Sofia, minha parceira no Vídeo Ambiental, discorreu sobre como as atitudes que algumas das crianças estavam

tomando eram inapropriadas e estavam atrapalhando o desenvolvimento da aula. Explicou que todos temos defeitos e que quando apontamos o dedo para uma pessoa, também estamos apontando três dedos para nós mesmos, para os nossos defeitos. Discutimos sobre o respeito ao próximo e sobre a importância tanto de expressar o seu próprio ponto de vista, quanto de ouvir a opinião do outro. Afirmamos que a crítica é sempre bem vinda quando é baseada em argumentos consistentes e realizada com educação, opondo-se ao que a maioria dos participantes estavam fazendo durante a atividade.

Posteriormente, começamos a preparação para o nosso passeio pelo bairro a ser realizado na próxima aula. Pensamos em moradores da Cidade Alta que poderíamos entrevistar como parentes dos alunos, vizinhos, professores, comerciantes etc. Indagamos as crianças sobre pessoas que poderiam nos contar sobre a história, a origem e as atuais vantagens e desvantagens do bairro. Os escolhidos foram a mãe da Gabriela, a avó do Vicente, uma senhora que trabalha numa vendinha próxima a escola, entre outros.

A próxima etapa foi a elaboração de perguntas para as entrevistas. Foram pensadas algumas como “Por que existem bandidos e por que eles ficam na rua?”, “Como era a cidade alta antes dos primeiros moradores chegarem?”, “Por que jogam lixo na rua?”, “Quem cortou o mato que existia aqui antes e fez os prédios?”, “O que era aqui antes de ser uma escola?”, entre outros. Tais nos fazem perceber o quanto nossos alunos são afetados pela violência e pela falta de cuidado com o meio ambiente na Cidade Alta.

O processo foi árduo e lento, mostrando que tal atividade pode ser mais complexa do que esperávamos. Percebemos, mais uma vez, a grande dificuldade que estes alunos enfrentam quando são instigados a pensarem por si próprios, apesar de serem bastante criativos. Outro obstáculo encontrado foi a característica de se trabalhar em equipe. Sinto, entretanto, que estamos progredindo pouco a pouco com a turma tanto na sua capacidade de reflexão e expressão, quanto na sua formação como um grupo consistente que trabalhe com respeito e harmonia.

O último exercício do encontro tratou-se de um ensaio para as entrevistas com os moradores. Foi o primeiro contato dos participantes com alguns dos equipamentos a serem utilizados nas filmagens como uma câmera, um tripé e um gravador. Revezaram-

se entre as funções de diretor, câmera, claquete, atores (entrevistador e entrevistado) e técnicos de som. A maioria prestou bastante atenção quando explicamos o funcionamento de cada equipamento e função; e a concentração foi mantida ao longo do ensaio. Alguns não conseguiram permanecer em silêncio durante as filmagens, porém tal fato é compreensível quando tratamos de crianças. Muitos dos improvisos nas interpretações dos personagens foram surpreendentes, assim como o manuseio dos equipamentos. A atmosfera foi de muita alegria e diversão. Estão surgindo pequenos artistas, transformadores do mundo com toda a sua imaginação e sensibilidade.

2.8 Introdução a educação ambiental (02/09/13)

O sol brilha forte na Cidade Alta. Mal estacionamos o carro quando alguns alunos já vem correndo nos receber. Seus olhinhos infantis refletem a sua vontade de criar, imaginar e se expressar em mais um dia de aula do Vídeo Ambiental. Abraços e sorrisos alegram meu início de semana. Estamos todos muito animados para descobrir um pouco mais sobre a história, os atuais problemas, a cultura, as condições ambientais, a rotina, entre outros aspectos do bairro.

Entramos na escola e nos dirigimos a secretaria. Infelizmente, descobrimos que a maioria dos nossos alunos não trouxe a autorização dos seus pais para o passeio. Além disso, faltaram crianças que se concentraram e tiveram um ótimo desempenho no ensaio das entrevistas realizado no último encontro. Decidimos que seria mais sensato adiar a saída para a próxima aula. Deste modo, também teríamos tempo para organizá-lo com mais calma, traçando um caminho a partir do mapa falado e das nossas discussões anteriores.

Enfrentamos, portanto, o desafio de improvisar uma aula. Primeiramente, pensamos em uma dinâmica de integração que denominamos no Vídeo Ambiental como “O coração”. Todos ficam de pé em uma roda. Cada aluno põe a mão sobre seu coração, fecha os olhos e presta atenção em seus batimentos cardíacos. Após, abrem seus olhos e caminham pela sala, reconhecendo o espaço que ocupam no ambiente. Param diante de um colega e se abraçam para sentir seu coração. Trocam de duplas sucessivamente, até que todos tenham se conectado.

Alguns alunos tiveram dificuldade de se concentrar, enquanto outros, talvez por sentirem vergonha, não quiseram sentir o coração do próximo. Falamos da importância de criarmos uma unidade dentro do grupo. Afirmamos que estamos construindo uma equipe, que precisamos nos conhecer melhor e que escutar os batimentos cardíacos do outro é uma forma muito forte e bonita de nos aproximarmos. Iniciamos uma reflexão a partir de perguntas como “O coração é a nossa vida, mas quando paramos para prestar atenção nele?”, “E a respiração? Sem ela não vivemos, mas quando paramos para tomar consciência da respiração?”. Sobre a última, Miguel nos respondeu sorrindo: “Segunda e quarta”, os quais são os dias de nossas aulas. Senti-me gratificada ao notar o valor que esta criança deu para nossas atividades de respiração, tão distintas ao que ele está normalmente acostumado no dia-a-dia escolar.

Ainda pensando em exercícios simples, realizamos uma discussão sobre o meio ambiente para posteriormente fazer uma dinâmica a respeito da água do planeta. Iniciamos com uma simples pergunta: “Por que o nome da nossa oficina é Vídeo Ambiental?”. A parte do vídeo pareceu clara para todos, ao contrário do significado da palavra ambiental. Quando indagamos “O que é meio ambiente?” apenas um aluno, o Vicente, soube nos responder corretamente. Pedro ainda falou sobre reciclagem e o cuidado com os animais, porém não soube nos explicar a respeito do sentido dos mesmos.

Explicamos o conceito de meio ambiente e incentivamos uma reflexão a partir de uma série de perguntas como “Quais seriam formas possíveis de ajudar o meio ambiente?”, “Como é o meio ambiente aqui na Cidade Alta?”, “Tem muitas árvores?”, “Muita poluição?”. Os alunos descreveram as péssimas condições ambientais do lugar onde vivem tais como a ausência quase que total de árvores, a grande quantidade de lixo espalhado pelas ruas, a presença de esgoto a céu aberto, entre outros.

Entretanto, o assunto da poluição do ar não foi levantado por nenhuma das crianças. Pessoalmente, a má qualidade do ar do município do Rio de Janeiro é algo que me incomoda bastante e acredito que este problema não recebe a sua devida atenção. Por este motivo, insisti para que meus alunos pensassem a respeito do assunto através das seguintes interrogações: “Como é o ar aqui na Cidade Alta?”, “É sujo?”, “Vocês sentem a presença da poluição?”. Todos permaneceram em silêncio. Explicamos a

origem da poluição do ar e maneiras de evitá-la. Perguntamos sobre a relação entre as árvores e o gás carbônico, porém nenhum aluno soube nos responder.

Senti a necessidade, portanto, de esclarecer determinados conteúdos que normalmente são aprendidos na aula de ciências como fotossíntese, emissão de gases poluentes, buraco na camada de ozônio etc. Disse que assim como os seres humanos, as plantas também respiram. Enfatizei a importância da presença de árvores para compensar a emissão de gás carbônico na atmosfera. Senti-me muito feliz e orgulhosa quando algumas das crianças sugeriram que plantássemos árvores no pátio da escola.

A próxima atividade da aula foi a realização de uma dinâmica em grupo. Sentados em uma roda, colocamos no centro uma garrafa pet cheia de água e um copo de café vazio. Explicamos que a garrafa representa toda a água existente na Terra. Enchemos o copo de café e a tampa da garrafa, os quais representam, respectivamente, toda a água doce e toda a água potável do planeta. Uma gota d'água, por sua vez, configura a quantidade de água potável disponível para consumo doméstico de todos os seres humanos. Os alunos demonstraram certa dificuldade de compreensão. Tivemos que falar a respeito da noção de proporção e da origem e principais características das águas doce e salgada.

Realizamos, posteriormente, um debate acerca do desperdício de água e possíveis maneiras de evitá-lo. Alguns pareceram gastar litros e litros na sua rotina sem necessidade alguma, apenas por não saber que precisamos fechar a torneira enquanto escovamos nossos dentes, por exemplo. Afirmaram, ainda, que muitos moradores da Cidade Alta não tem o menor cuidado para economizar água, nos revelando negligências como lavar a calçada com mangueiras abertas o tempo todo ou deixar canos de suas casas vazando por dias. Dentro da escola, outros alunos divertem-se com uma brincadeira “sem-graça”. Trata-se de entrar no banheiro, ligar todas as torneiras, dar todas as descargas e sair correndo. É lamentável perceber a realidade da falta de conscientização ambiental de muitas pessoas.

Por último, conversamos sobre o nosso passeio pelo bairro a ser feito na próxima aula. Relembramos as pessoas que já tínhamos planejado entrevistar e os alunos fizeram novas sugestões. Definimos um percurso pela Cidade Alta concentrado nos arredores da escola, pois iremos nos transportar a pé. Distribuimos novas autorizações e enfatizamos que os alunos que não as trouxessem assinadas não

poderiam nos acompanhar durante a caminhada. Nos levantamos, juntamos nossas mãos no centro da roda e proclamamos nosso “grito de paz”: “Clube Vídeo Ambiental”, terminando nosso encontro com muita alegria.

Percebi nessas crianças uma grande deficiência no aprendizado de determinados conteúdos. Elas têm aproximadamente dez anos e já estão cursando o terceiro ou o quarto ano escolar. Nessa etapa, já deveriam ter conhecimento a respeito de conceitos básicos como meio ambiente, fotossíntese, camada de ozônio, desperdício, poluição, diferença entre água doce e salgada, água potável, ciclo da água etc.

A razão de tal fato pode ser tanto uma maior dificuldade individual de cada um, quanto uma possível falha do ensino a que foram submetidas. Não pretendo culpar os professores, porém creio que o método utilizado pode não ter sido o mais apropriado. Acredito que o funcionamento da maioria das escolas tradicionais, no qual os alunos devem memorizar os conteúdos para repetí-los nas provas, não os estimula a pensar e pode provocar lacunas na sua formação. Sinto uma grande tristeza ao perceber que o desempenho nas avaliações pode ser mais importante do que o incentivo a criatividade e a reflexão dos alunos.

2.9 Introdução ao cinema (04/09/13)

Chove forte em torno da E.M. Armando Fajardo. Não tivemos outra escolha senão adiar nosso passeio pelo bairro. Prevendo que poderia acontecer outro imprevisto como no último encontro, preparamos uma segunda opção de aula. Entramos na sala de informática. Os alunos rapidamente formaram uma roda e começaram a fazer um alongamento, propondo eles próprios certas posturas e nos convocando para participar. Como é bom começar o dia ao lado de crianças tão empolgadas e sorridentes.

Ainda em roda, sentamos no chão para fazer um breve panorama da origem do cinema. Iniciamos falando a respeito dos primeiros momentos em que o ser humano contava histórias através das imagens. Voltamos lá na pré-história, quando os homens das cavernas registravam suas histórias através de pinturas rupestres. Contamos tanto sobre o teatro de sombras dos chineses quanto sobre a pintura como forma de retratar

famílias, paisagens, personalidades e eventos importantes etc. Durante todo o tempo, tentamos usar uma linguagem simples e divertida, de modo que os alunos se interessaram e compreenderam tais histórias.

Então, seguindo a ordem cronológica dos fatos, passamos para a invenção da fotografia. Explicamos o seu funcionamento técnico e o seu caráter inovador para a época. Para ajudar no esclarecimento entre a diferença da fotografia analógica e da digital, mostramos um negativo de um filme colorido. As crianças adoraram ter a oportunidade de ver um objeto tão antigo e inesperado para eles, porém ao mesmo tempo ainda presente nas nossas vidas.

Dissertamos acerca da relação da fotografia com o cinema. Apresentamos brevemente o contexto da época, tentando esclarecer a razão pela qual a sétima arte surgiu como uma grande novidade. A partir daí, contamos sobre o surgimento dos primeiros filmes e as suas principais características. Os alunos fizeram diversas perguntas e comentários, mantendo-se concentrados, envolvidos em saber um pouco mais sobre o cinema.

O próximo passo foi a exibição de diversos filmes do Primeiro Cinema. “A chegada do trem”, “Empregados deixando a fábrica Lumière”, “*The Spinkler Spinkled*”, entre outras produções dos Irmãos Lumière e Thomas Edison, foram motivos tanto de risadas, quanto de reclamações. Os alunos apreciaram aqueles que continham uma história e uma comicidade. Porém não gostaram e não entenderam a razão de ser dos que apenas retratavam ações cotidianas.

Novamente sentamos em uma roda para um debate. Conversamos sobre as particularidades e diferenças das produções cinematográficas da época em relação as que estamos acostumados nos dias atuais. Também falamos sobre a linguagem cinematográfica, apesar de ainda ser um assunto um pouco complexo para crianças nessa idade, exigindo, portanto, que o explicássemos com muita clareza e simplicidade. Os exemplos concretos de determinados planos, sequências, narrativas, entre outros elementos cinematográficos, nos ajudaram durante todo o pedaço teórico da aula de introdução ao cinema.

Passamos, então, para a parte prática do nosso encontro. Chegou o momento do Minuto Lumiere, um exercício que tenho muito apreço. Primeiramente, dividimos a

turma em apenas dois grupos, por conta da baixa frequência de alunos na aula de hoje. Baseando-se nos filmes dos Irmãos Lumiere, cada equipe elaborou uma cena simples com uma duração de cerca de um minuto. Filmamos em preto e branco, sem som e a câmera ficou fixa em apenas um plano geral. O objetivo pode ser tanto exercitar a imaginação e atuação através da criação e interpretação de uma história, quanto discutir as limitações do plano geral e da ausência de movimentos de câmera.

A dupla formada por Pedro e João foi muito criativa. Rapidamente pensaram numa narrativa inteligente e divertida: Um menino tomava banho quando outro chegou discretamente e apagou a luz do cômodo. Pedro saiu tateando do chuveiro, buscando o interruptor. Ficou com os braços estendidos e caiu no chão, trazendo um ar cômico para a cena. Quando finalmente conseguiu acender a luz, João deu um susto no menino. Corta. Senti uma grande felicidade ao notar uma boa interpretação dos personagens, principalmente tratando-se de João, um garoto muito tímido. Os outros alunos, assistindo como espectadores ou ajudando com a câmera, deram muitas risadas.

O grupo seguinte também teve um ótimo desempenho. A história da sua sequência foi interessante, porém o nervosismo os atrapalhou e tiveram um pouco de dificuldade de concentração no momento da filmagem. Acredito que a atividade foi essencial para o aprendizado dos alunos como atores e enquanto equipe técnica, revezando-se nas funções de direção e câmera. Além disso, é sempre muito importante exercitar a sua capacidade de imaginar e pensar, tão rara no ambiente escolar em que vivem.

2.10 Passeio pelo bairro (09/09/13)

Chegamos a escola de manhã cedo. O clima é favorável a atividades externas e todos os alunos presentes trouxeram suas autorizações. Finalmente podemos realizar nosso tão esperado passeio pelo bairro e as entrevistas com seus moradores. Começamos com uma roda para conversar a respeito do manuseio dos equipamentos de filmagem, das funções de cada um nesse processo e das perguntas a serem feitas pelos participantes da oficina. Relembramos, ainda, a importância do respeito para a construção de um bom trabalho em equipe.

A primeira moradora chega a E.M. Armando Fajardo. Josefa, mãe do aluno Pedro, preferiu ser entrevistada na escola ao invés de em sua casa, alegando que a mesma era “feia e pequena”. O lugar mais apropriado que encontramos foi uma área externa que fica na parte de trás da escola, onde o barulho é menor e há um belo gramado. Autorização de imagem e som assinada, câmera posicionada, tripé montado, gravador a postos... começa a primeira entrevista da nossa oficina do Vídeo Ambiental.

Josefa morava no sertão da Paraíba mas, como muitos, veio para o Rio de Janeiro em busca de oportunidade de emprego na cidade grande. Arrumou trabalho, casou e teve três filhos. Mora na Cidade Alta há dezenove anos, mas alega que não conhece bem o bairro, pois apenas sai de casa para o trabalho e para a igreja. O aspecto que mais a incomoda é a violência diária. Impressionou-se muito quando chegou do Nordeste: “Lá não tem isso não, aqui têm demais. Quando cheguei aqui, fiquei muito assustada, eu parecia um patinho escondido debaixo da cama, com medo.” Disse que antigamente a violência era menor, que as pessoas podiam circular com mais tranquilidade pelas ruas. Porém, acredita que a situação piora a cada dia e que este problema está presente em toda a cidade.

A mãe de Pedro também apontou a sujeira como mais uma desvantagem do bairro. “Em cada beco, em cada esquina, em cada rua... misericórdia! É muito ruim para a gente andar, para gente passar... o mau cheiro.” Considera que o principal motivo desta questão é a grande produção de lixo dos bailes funks que ocorrem todos os finais de semana. Apesar de reconhecer a beleza do Rio de Janeiro, não gosta de morar aqui. Diante da lamentável realidade que enfrenta todos os dias, Josefa sonha em voltar para a Paraíba com a sua família.

Já Rita, outra moradora que também entrevistamos na escola, nasceu e foi criada em Ramos, mas prefere morar na Cidade Alta. Perguntamos, primeiramente, sobre a questão do lixo e recebemos a seguinte resposta: “O lixo, na maioria das vezes, é culpa dos moradores, que não têm a consciência que tem que colocar no lugar certo. Eles mesmos são as pessoas que mais fazem a sujeira na Cidade Alta”. Indagamos sobre o baile e ela discordou de Josefa, afirmando que o evento também provoca a poluição, entretanto não o considera a causa principal.

Mora no local há 10 anos, porém em uma área mais afastada, perto da Porto Velho. Disse que não circula muito pelo centro do bairro e também não deixa suas

filhas fazerem o mesmo, por conta da forte presença da violência: “Eu fui nascida e criada num lugar que era pior do que aqui, mas eu não quero isso para as minhas filhas. Eu não quero vir aqui para a Cidade Alta numa pracinha, ver um cara passando para lá e para cá com um fuzil e achar que isso é normal. Para mim isso não é normal.”

Demonstrou sua insatisfação com a política brasileira, apontando a razão para a ausência de paz no local onde vive: “A política hoje, querem só dinheiro no bolso e estão muito satisfeitos. Por isso que a saúde está desse jeito, por isso que a violência está desse jeito, por isso que a educação está desse jeito.” Concorda com as atuais manifestações e a greve escolar. Manteve seu discurso contra a política do país em todo o seu depoimento, numa espécie de desabafo.

Indagamos sobre a liberdade das pessoas na Cidade Alta e escutamos: “A liberdade fica restrita. Porque você pode ir, mas você não sabe se você vai voltar”. Rita veio para a Cidade Alta quando conheceu seu marido, que tem comércio no local. Atualmente, trabalha como técnica de enfermagem e faz faculdade para se tornar enfermeira. Sobre a história do bairro, nos disse que antigamente tudo era coberto por vegetação, até o momento em que o governo construiu dezenas de prédios, com o objetivo de abrigar antigos moradores da Favela do Pinto.

Finalizando estas duas entrevistas, saímos da escola para o nosso passeio. Pegamos a rua Cinco Rios, onde situam-se três pontos importantes apontados no nosso “mapa falado”: a E.M. Armando Fajardo, o “Beco do Samba” e a quadra comunitária, onde ocorre o baile funk todo final de semana. Em frente, vimos um monte de resíduos repletos de copos de plástico, garrafas, latas de cerveja e de refrigerantes, provenientes do último baile. O lixo era tanto que não cabia na cacamba, estendendo-se pela calçada. Para chegar a rua principal, atravessamos um beco com um péssimo odor. Passamos por um grande supermercado e por outros pontos de comércio local como papelarias, restaurantes, cabelereiros, farmácias etc. Em diversos momentos da nossa caminhada, nos deparamos com ruas sujas de lixo. Constatamos, portanto, a acuidade dos pontos de vistas de Josefa e Rita a respeito da forte presença da sujeira na região onde vivem.

Chegamos a casa da Mariana, mãe da aluna Gabriela, para a última entrevista do dia. Nascida e criada na Cidade Alta, Mariana também sofre com a constante violência e poluição no local. Em seu depoimento, tocou num ponto que ainda não havia sido levantado que é a falta de opções de lazer e liberdade das crianças: “Liberdade? Aqui

em cima não tem nenhuma. Não tem nada de bom para eles. Não temos como deixar as crianças a vontade. Não tem lazer, não tem nada(...). A gente não pode nem confiar de deixar nossos filhos na rua. Agora tá calmo, tá todo mundo ali, daqui a pouco é tiro, é polícia, é bandido para todo lado.” Moradora do bairro há quarenta e dois anos, acredita que a violência piorou muito nos últimos tempos, alegando que antes se podia brincar “mais a vontade”, que a vida era muito melhor.

Seus pais residiam na Favela da Praia do Pinto, localizada no Leblon, a qual sofreu um grave incêndio no final da década de 60. Em consequência de tal fato, a prefeitura construiu a Cidade Alta com o objetivo de abrigar os antigos moradores da comunidade da Zona Sul. Ainda com a vontade de saber um pouco mais sobre a história do bairro, os alunos perguntaram a Mariana se sabia o que era a E.M. Armando Fajardo na época de sua infância. Nos afirmou que já era uma escola de qualidade, mas reconheceu já ter ouvido a lenda de que o local habitava um antigo cemitério há muitos anos atrás.

A respeito da questão ambiental, nos falou que outrora a quantidade de árvores era superior, que “eles saíram removendo tudo”. Nos concebeu sua opinião sobre o fato dos bandidos andarem armados pelas ruas: “Isto é péssimo. É um exemplo horrível que estão dando para as crianças. Fora a segurança, que nós não temos nenhuma com eles aqui”.

Concluimos o passeio e as entrevistas. Acredito que os depoimentos do dia de hoje falam por si próprios. Um conjunto de diferentes sensações e pensamentos me invadem. Sinto tristeza diante da realidade do local em que trabalho. Sinto grande preocupação pelos meus alunos, seus familiares e todos os outros moradores da Cidade Alta, os quais vivem em péssimas condições. Pergunto-me se minhas aulas são realmente capazes de mudar algum aspecto dentro desta situação. Pergunto-me como poderia ajudá-los mais significativamente.

Por outro lado, sinto gratidão pelo bom desempenho e comportamento de meus alunos nas suas primeiras filmagens. Sinto-me agradecida por ter a oportunidade de incentivar crianças a se expressarem através da sétima arte. Sinto grande felicidade ao receber seus abraços e sorrisos infantis após um dia de trabalho.

2.11 Ausência de aula (11/09)

Desde a minha primeira experiência no Vídeo Ambiental, no ano de 2010, faz parte da minha rotina ligar para as escolas antes de sair de casa. Precisamos sempre confirmar as aulas, pois pode haver um cancelamento por diversos motivos. No ano passado, no Complexo da Maré, a frequente falta de água no CIEP Elis Regina e no CIEP Presidente Samora Machel provocava a liberação dos alunos. Os tiroteios, decorrentes de operações policiais ou confrontos entre diferentes facções de drogas também foram motivo tanto na Maré em 2012, quanto em Costa Barros em 2010, para que as crianças e adolescentes ficassem em suas casas. Hoje foi mais um exemplo da permanência desta lamentável realidade que milhares de moradores do Rio de Janeiro enfrentam diariamente.

Ligamos para a E.M. Armando Fajardo por volta das 07h30. A direção nos informou que os alunos haviam sido dispensados em razão de uma ameaça de operação da polícia no bairro. Um helicóptero da PM estava sobrevoando o local desde as seis horas da manhã em busca de dois carros que foram roubados em Duque de Caxias e Barra da Tijuca e levados para a Cidade Alta. Parece que os veículos estavam sendo utilizados por traficantes do Comando Vermelho, os quais transportavam armas e drogas. Além disso, um policial foi morto na mesma madrugada por criminosos do conjunto habitacional que ainda não foram encontrados.

Mais uma vez, as aulas do Vídeo Ambiental foram canceladas por conta da violência presente nos locais atendidos pelo projeto. Nesse caso, não ocorreu um tiroteio no horário escolar, porém o som ameaçador do helicóptero e a grande probabilidade de um confronto são motivos suficientes para que os pais não deixem seus filhos saírem de casa. Acredito que o principal problema está exatamente em não saber a hora em que podem ocorrer trocas de tiros. Os moradores da Cidade Alta, assim como os de Costa Barros, do Complexo da Maré e de muitos outros locais, vivem sob um perigo constante. Tal afirmação pode ser comprovada pelos depoimentos realizados no último encontro da oficina. Perguntando a Rita sobre a liberdade das pessoas no bairro, por exemplo, obtivemos a seguinte resposta: “A liberdade fica restrita. Porque você pode ir, mas você não sabe se você vai voltar”.

2.12 Análise das entrevistas e prática do audiovisual (16/09/13)

Iniciamos a semana a dinâmica da “máquina fotográfica”, na qual os participantes dividem-se em duplas para tirar diversas fotos do lugar onde se encontram. Primeiramente, um deles pousa sua mão nos ombros do outro que fica de olhos fechados a sua frente. O detrás vai guiando-o pelo espaço e escolhendo as fotos que deseja tirar pelo caminho. O participante que está na frente representa a máquina fotográfica, a qual é acionada pelo outro através de um leve puxão de orelha. Neste momento, os olhos são abertos, a luz entra e a foto é tirada. Posteriormente, as duplas invertem as funções, para que os dois participantes vivenciem ambas as experiências tanto de câmera, quanto de fotógrafo.

Para a realização da atividade descemos até o pátio da escola, onde tínhamos uma área mais extensa e mais apropriada a este exercício do que a sala de informática que utilizamos normalmente. Algumas crianças enfrentaram dificuldades em permanecer de olhos fechados e manter a concentração, enquanto outras tiveram um ótimo desempenho, registrando fotos bastante interessantes. Todas, porém, pareceram estar se divertindo com a nova brincadeira. Além de lidar com questões como a concentração e a experiência da ausência de visão, a dinâmica da “máquina fotográfica” também trabalha outro tema essencial para nossas vidas, a confiança.

Após o término da atividade, portanto, sentamos em uma roda para discutir tais conceitos. Conversamos sobre a necessidade e a dificuldade da confiança entre ambos os participantes da dupla, para que se deixassem ser levados pelo espaço livremente. Ao falar sobre a experiência de ficar de olhos fechados, a maioria das crianças disseram ser “muito estranho e diferente” e afirmaram que sentiram medo. Mas algumas, como Vicente, gostaram de experimentar algo tão inusitado. Apenas este menino soube nos responder corretamente sobre o significado de confiança. Vicente nos disse que é muito difícil confiar no outro, que a única pessoa que ele realmente confia é a sua mãe. Tentando ajudar seus colegas a compreenderem tal definição, utilizou o seguinte exemplo: “Eu confio em vocês para dizer que ganhei um tablet, mas não confio na maioria das pessoas da Cidade Alta, porque aqui só tem ladrão”. Fico preocupada ao constatar a lamentável visão de uma criança de onze anos a respeito do lugar onde vive.

A próxima etapa da aula consistiu na exibição das entrevistas com os moradores do bairro e dos “Minutos Lumière” realizados pelos alunos alguns encontros atrás. Acredito que é importante mostrar as primeiras filmagens que realizamos no projeto, para que os alunos sejam capazes de identificar as falhas técnicas cometidas e melhorar a qualidade das próximas. Além disso, assistir as suas próprias filmagens é um grande incentivo para as crianças que, vendo a concretização de seu trabalho, tornam-se mais empolgadas e dedicadas. A sua auto-estima também pode aumentar, pois percebem que têm a capacidade de realizar um filme. No momento seguinte, discutimos acerca de erros técnicos como movimentos de câmera inapropriados, sons indesejados, falta de iluminação, sombras inadequadas, objetos principais fora de foco etc.

Os participantes conseguiram tanto perceber a alta sensibilidade do som no cinema e a importância de manter o silêncio durante as gravações, quanto compreender um pouco mais sobre a incidência de luz e a forma como esta é trabalhada na câmera. As diferentes funções de uma equipe cinematográfica foram igualmente lembradas, enfatizando a importância da harmonia e respeito entre todos. Conversamos também sobre os conteúdos das entrevistas e as interpretações dos Minutos Lumière. Durante toda a análise, novamente enfrentamos o problema de alguns alunos ficarem apontando e culpando outros pelos equívocos ao registrar as imagens. Sentimos a necessidade, portanto, de interferir e conversar a respeito do assunto.

A última atividade da aula foi exclusivamente prática. Antes da realização da mesma, porém, tivemos que fazer uma breve introdução teórica, explicando as noções de plano e enquadramento. Começamos o exercício dividindo a turma em dois grupos, um formado pelos atores e outro pela equipe. Ao primeiro coube a elaboração e interpretação de uma cena simples e rápida. Já os outros participantes ficaram responsáveis por filmar esta sequência de diferentes maneiras, utilizando diversos tipos de planos.

Primeiramente, a ação de dois meninos se encontrando e cumprimentando-se com uma brincadeira foi feita em apenas um plano geral. Logo após foram pensadas e realizadas outras soluções de enquadramento. Durante todo o processo fomos orientando os alunos a pensarem e agirem por si próprios. Perguntamos o tempo todo aonde deveriam colocar a câmera, como deveria ser a distância entre esta e os personagens etc; deixando-os montarem o tripé, marcarem a posição dos atores, fazerem

o foco e outras tarefas sozinhos. Senti-me orgulhosa quando Miguel conseguiu pensar numa decupagem para tal cena.

Os alunos estavam bastante dispersos durante toda a aula. Conseguimos realizar a maioria das atividades planejadas, mas algumas demandaram mais tempo do que esperávamos e não foi possível terminar o último exercício. Além da falta de concentração, outro obstáculo encontrado foi a baixa frequência de participantes no encontro de hoje. Refleti acerca dos possíveis motivos para tais fatos. Acredito que a operação da polícia na semana passada pode ter contribuído para tal.

Desde 2010, quando ensinava em duas escolas na comunidade de Costa Barros, noto a possível relação existente entre a violência e o desempenho escolar. Neste mesmo ano, poucos meses antes do início da oficina, a escola CIEP Rubens Gomes sofreu uma terrível tragédia. Wesley Gilbert Rodrigues de Andrade, de onze anos, assistia uma aula de matemática quando foi atingido por uma bala perdida. A criança não resistiu e morreu no hospital. Surpreendentemente, foram os meus alunos do Vídeo Ambiental que me contaram tal fato.

Esta instituição de ensino, obviamente, foi extremamente afetada por este terrível incidente. Uma atmosfera de medo e incompreensão pairava a escola. Não apenas os alunos, mas também professores e funcionários ainda não tinham entendido direito o que se passara e temiam que o ocorrido se repetisse. Creio que esta consequência da forte violência presente em Costa Barros provocou a desorganização em que todo o ambiente escolar se encontrava. Das seis turmas que já orientei na minha trajetória no Vídeo Ambiental, foi nesta que enfrentei maiores obstáculos. Os participantes eram muito dispersos, tinham muita dificuldade de prestar atenção, de permanecer em silêncio, de se concentrar nos exercícios, entre outros. Desse modo, as aulas eram tarefas árduas, nas quais lutávamos contra a bagunça que se instaurava, tentando dar prosseguimento as nossas atividades.

Acredito, portanto, que a violência é um fator capaz de influenciar no desempenho escolar de crianças e adolescentes. Além do medo, eles podem ser atingidos por desânimo, falta de concentração e até mesmo por uma depressão. Assim, os estudantes podem reagir de diferentes maneiras faltando muitas aulas, não prestando atenção nos seus professores, abandonando os estudos, agindo com violência com seus colegas, entre outros.

Diante da realidade em que vivem, os sons de tiros, helicópteros e sirenes tornam-se rotineiros, porém nunca banais. A meu ver, a maioria deles apenas aceita a situação pois não tem escolha, mas têm consciência de que isto não é “normal” e está errado. Sonham que um dia poderão andar em paz pelo caminho de suas casas até a escola.

2.13 Stop-motion (18/09/13)

O encontro de hoje na E.M. Armando Fajardo começou com a dinâmica da “contação de histórias”, normalmente usada pelos professores de teatro. Após dividirem-se em duplas e permanecerem de pé, um aluno fica na frente com os braços para trás. Já o outro esconde-se atrás do primeiro e estica seus braços, posicionando-os no local aonde os braços do seu colega deveriam estar. A partir daí, o participante que está na frente conta uma história, enquanto o outro interpreta a mesma utilizando seus braços e mãos. A atividade tem o objetivo de exercitar a interpretação teatral, o abandono da vergonha, o discurso em público, a imaginação e a criatividade.

A maioria das crianças não optou por inventar histórias originais, contando acontecimentos de sua própria rotina. João, por exemplo, teve certo embaraço em desenvolver uma narrativa, falando brevemente do namoro de seu cachorro com uma cadela. Já Vicente contou sobre a comemoração do aniversário de sua mãe, sobre a sua noite mal dormida por conta da bagunça de seu irmão e sobre seu atraso a escola decorrente deste fato. Alguns ficaram com vergonha e precisaram de um estímulo para participar. As “interpretações das mãos”, entretanto, foram bastante criativas. A brincadeira foi motivo de muitas risadas.

O stop-motion, uma técnica de animação feita fotograma a fotograma, foi o próximo desafio de nossos alunos. Cartolina, folhas em branco, pilot e lápis de cor foram os materiais utilizados para o primeiro passo, a elaboração de uma história. Neste momento, porém, os estudantes enfrentaram grandes dificuldades. Novamente encontramos o bloqueio, já comentando anteriormente neste diário, que tais crianças possuem para pensarem por si próprias, principalmente quando tratam-se de atividades que demandam bastante reflexão e criação.

O processo da construção de uma narrativa ocorreu, portanto, de maneira diferenciada. Ao invés de primeiro criar uma história para depois desenhar seu cenário e seus personagens, os alunos antes pensaram nestes elementos e a partir daí foram desenvolvendo uma narrativa para os mesmos. No caso, o cenário escolhido foi uma fazenda e os personagens foram um fazendeiro, uma mulher, porcos, bois e uma cobra gigante. Uma máquina fotográfica posicionada no tripé foi o instrumento de registro das fotos do stop-motion. Num dia lindo, uma mulher passeava pela fazenda contemplando sua beleza. De repente, uma cobra surge no local e avança para cima dela. A mulher corre para pedir ajuda ao fazendeiro. Rapidamente ele atende ao seu chamado e chuta a cobra, expulsando-a de sua fazenda. Os dois comemoram e se abraçam. Fim.

Foi uma narrativa simples, mas já bastante satisfatória por possuir um começo, meio e fim. Além disso, foi criação exclusiva dos meus alunos os quais, alguns momentos antes, afirmavam serem incapazes de realizar esta tarefa. Aliás, a autoafirmação da incapacidade foi uma característica que permeou todo o exercício. Gabriela, ao desenhar e colorir o cenário, disse diversas vezes frases como: “Ah, eu não sei fazer isso. Não sei desenhar. Tá feio. Tá horrível.” Foi extremamente complicado convencê-la do contrário. Tivemos que conversar com essa doce menina muitas vezes, elogiando seu trabalho e dizendo que todos estamos ali para aprender, inclusive nós. Relembramos que “saber desenhar” é relativo, sendo mais importante participar da atividade com dedicação.

Acredito que a atitude desta menina seja fruto do estigma que a sua turma carrega. Segundo o corpo docente, a 1304 é considerada “especial”, pois é formada por alunos supostamente “atrasados”. A escola e os professores parecem não se importar em falar abertamente sobre como consideram que esta classe é composta por crianças “fraquinhas”. Gabriela, João e Vicente são os participantes do Vídeo Ambiental que fazem parte da 1304. São alunos espertos, criativos e talentosos.

O desenho de João me impressionou, exibindo um traço de imensa originalidade e beleza. Como ator nos exercícios de filmagem também teve um ótimo desempenho. Entretanto, João não sabe nem ler nem escrever direito. Não é fácil compreender o motivo pelo qual este menino não está no primeiro ano, onde ocorre a alfabetização. Não pretendo sugerir que ele volte atrás, mas creio que seus professores deveriam ter uma atenção especial para o seu problema com a escrita e a leitura. Creio que

“depositar” todos aqueles alunos que tenham algum tipo de adversidade numa mesma turma não seja a atitude mais correta. Tanto Gabriela e Vicente, quanto todos os meus alunos da oficina, possuem suas dificuldades e talentos. Infelizmente, são poucas as escolas que sabem valorizar as qualidades de cada um e lidar de forma respeitosa e paciente com tais características.

2.14 Ausência de aula (23/09)

Mais uma vez, liguei para a E.M. Armando Fajardo para confirmar minha aula e recebi a resposta negativa. Fomos aconselhadas a não prosseguir com nosso encontro de hoje por conta da ameaça de uma operação da polícia no bairro. A coordenação não soube nos informar o motivo, apenas me contou que um helicóptero sobrevoava o local e que os alunos estavam sendo dispensados de suas aulas.

Liguei para a outra escola em que trabalho como orientadora, a E.M. Ministro Lafayette. A diretora me disse que um policial tinha ido até a escola para informar sobre a “grandeza” da operação, afirmando que seria melhor se ela não liberasse os alunos sozinhos pelas próximas horas.

Durante meu processo do Vídeo Ambiental em Costa Barros e no Complexo Maré, perdi diversas aulas por conta de tiroteios, operações policiais e invasões. Ouvir os sons de tiros na comunidade da Nova Holanda fazia parte de nossa rotina. As escolas situam-se em uma região de “fronteira” entre duas diferentes facções criminosas, Comando Vermelho (C.V.) e Amigo dos Amigos (A.D.A). A maior parte da violência acontece quando estas entram em conflito. Já Costa Barros é comandada apenas por uma facção, porém o grande problema se dá na invasão de traficantes de comunidades vizinhas. A Cidade Alta está sob o domínio do Comando Vermelho. Pelo que observei até agora, as operações policiais são as maiores geradoras da violência no local.

A ameaça de conflito pode ser percebida através da presença do helicóptero da Polícia Militar (PM), das sirenes dos seus carros, do “caveirão” do BOPE estacionado na entrada do bairro e até mesmo dos boatos que correm pelas ruas. Diante deste cenário, instaura-se uma atmosfera de pânico. Não pretendo culpar exclusivamente a

polícia pela violência presente na Cidade Alta. Os moradores sentem muito medo com a quantidade de traficantes armados que permeiam sua rotina. Pelo diagnóstico que estamos buscando na oficina com nossa turma, percebemos como o tráfico de drogas afeta a vida da maioria das pessoas que vivem neste local. Muitos, inclusive meus alunos, sonham com o seu término. Acredito, porém, que seja relevante constatar que a polícia, órgão que tem o dever de proteger a todos, provoca uma reação inversa ao esperado.

Fico apreensiva sem saber quantas aulas ainda poderei perder por conta de operações policiais, tiroteios ou invasões na Cidade Alta. Preocupa-me a falta de segurança em que vivem meus alunos, pelos quais já tenho grande afeto e carinho. Sinto tristeza ao me deparar, em mais uma região da cidade, com situações de violência extrema que muitos cariocas enfrentam diariamente. Percebo a grande quantidade de diferenças existentes entre a rotina de habitantes de diferentes regiões do Rio de Janeiro.

2.15 Exibição e discussão sobre “Ilha das Flores” (09/10)

Surtem novos rostos no Vídeo Ambiental. Como a frequência de participantes estava muito baixa, provavelmente por conta da greve, resolvemos convocar mais alunos. Raíssa, Manuela, Júnior e Caio chegaram cheios de entusiasmo. Sentamos numa roda para uma breve apresentação da oficina. Nesse momento, além da nossa introdução, os próprios participantes também falaram um pouco de si e do que estão achando do projeto. A maioria fez uso de palavras como “maneiro”, “muito bom”, “muito legal”, etc para descrever sua opinião. Vicente mais uma vez me surpreendeu ao afirmar que no Vídeo Ambiental “a gente aprende mais de um jeito divertido”. Senti grande alegria ao notar que todos apreciam bastante nosso trabalho na escola.

Começamos nossa aula com a brincadeira que denonimamos como “O nó”. Ainda em uma roda, nos levantamos e ficamos de pé com as mãos dadas uns para os outros. Cada um deve memorizar aquele que está do seu lado esquerdo e aquele que está do seu lado direito. Soltamos as mãos e caminhamos livremente pelo espaço enquanto cantamos uma música. Paramos quando a Sofia, minha parceira, fala “stop”. A partir daí, temos que permanecer parados no local onde estamos e apenas mexemos nossos

braços para dar as mãos aqueles que estavam ao nosso lado anteriormente. Desse modo forma-se uma espécie de “nó humano”. O desafio da dinâmica é desfazer o nó, voltando a roda original. Tal exercício trabalha assuntos essenciais como a concentração e o raciocínio lógico, além de, como toda brincadeira física, gastar um pouco de toda a energia presente nos corpos infantis.

Posteriormente, introduzimos o “bastão da fala”. Trata-se de uma ferramenta que utilizamos para que todas as pessoas presentes em um determinado ambiente, nesse caso a sala de aula, escutem em silêncio enquanto outra está falando. Um bastão de madeira simboliza o direito a palavra. Quem quiser falar levanta o dedo pedindo pelo bastão. Discutimos, nesse contexto, sobre a importância de ouvir o outro, de ficar em silêncio e de respeitar o próximo. Enfatizamos o fato de que todos têm direito a palavra, que não somos apenas eu e Sofia que devemos falar durante as aulas. Pelo contrário, nosso desejo é justamente que a turma inteira expresse suas reflexões, sentimentos e opiniões ao longo de toda a oficina.

A próxima atividade da aula foi a exibição de “Ilha das Flores”. Em um curta-metragem, Jorge Furtado critica o sistema capitalista e aponta a desigualdade como uma consequência da economia vigente. O filme mostra a trajetória de um tomate desde a sua plantação até o seu destino final em um lixão nos arredores de Porto Alegre. O nome do local contrasta com a sua infeliz realidade. Na “Ilha das Flores” não há flores, mas sim uma pobreza avassaladora. O documentário faz uso de uma linguagem diferenciada, onde um narrador descreve cada personagem apresentado e suas características de forma a enfatizar as relações existentes entre eles. Pessoalmente, considero um filme de alta qualidade e de extrema importância para todas as crianças e adolescentes, principalmente aquelas que estudam cinema.

Após termos assistido “Ilha das Flores”, sentamos novamente em uma roda para uma discussão a respeito da obra. Utilizando o bastão da fala, muitos disseram que o curta-metragem é “estranho”, enquanto outros não entenderam o filme. O ponto que mais gerou polêmica foi a frase inicial exposta em uma cartela: “Deus não existe”. A maioria ficou indignada com esta afirmação e teve dificuldade para compreender a escolha da mesma. Joana, de apenas dez anos, me trouxe grande satisfação quando falou: “No começo do filme eu não entendi a frase “Deus não existe”. Mas no final eu

comecei a entender, porque aquelas crianças estavam sem dinheiro, sem nada para comer e por isso que colocaram aquilo. Porque é muito triste.”

A partir daí, conversamos sobre a situação do lixão. Segundo Joana: “Naquela ilha só têm lixo, barracos, pessoas pobres e porcos”. Perguntamos sobre a ordem de importância destes elementos no local. A maior parte dos alunos percebeu que os donos dos porcos são os primeiros a escolher nos caminhões de lixo a comida que vão dar para seus animais, enquanto aos habitantes da ilha restam as sobras desprezadas pelos porcos. A crueldade de tal fato pareceu ser um consenso geral. Usando o filme como referência, discorremos sobre os conceitos de igualdade de direitos e desigualdade social.

Continuamos nossa discussão a respeito de “Ilha das Flores” e acabamos chegando a questão do desperdício de alimentos, tanto em casa quanto na própria escola. Manuela, uma das alunas novas, disse que as vezes acaba jogando comida fora na refeição que recebe na escola pois é obrigada a colocar todos os alimentos no seu prato, mesmo que ela não queira comer algum deles. Já Vitória contou que uma vez a cozinheira colocou pouca comida no seu prato e ela quis repetir, porém não a deixaram.

Percebe-se, portanto, uma contradição no refeitório da E.M. Armando Fajardo. Fico me perguntando a possível razão para este sistema injusto. É um absurdo que crianças e adolescentes sejam impedidas de exercer o direito de escolha dentro da sua própria escola, além do desperdício diário de grande quantidade de alimentos. Discorremos a respeito da liberdade de expressão e de escolha, enfatizando que a escola é deles e que também podem ser os agentes de mudança dessa instituição. Sugerimos que se unissem e refletissem acerca de maneiras de abordar a direção e coordenação sobre a questão do refeitório, encorajando-os a lutar pelos seus direitos.

Voltando a obra de Jorge Furtado, perguntamos sobre a linguagem utilizada pelo diretor. Todos perceberam a sua diferença em relação aos filmes com os quais estão acostumados, repetindo que consideraram o filme “estranho”. Observaram a forte presença do narrador e o fato de que o tomate é o protagonista. Fiquei muito satisfeita com a discussão de hoje. Senti-me orgulhosa da sensibilidade e crescente concentração por parte dos meus alunos que venho percebendo ao longo do processo do Vídeo Ambiental.

Por fim, explicamos a definição de roteiro e sinopse, usando estes elementos do curta-metragem como exemplo. Falamos sobre o nosso próprio filme da oficina e instruímos a turma a pensar e escrever histórias na forma de sinopses para desenvolvermos na próxima aula. Enfatizamos que um filme é uma forma de expressão e comunicação, uma maneira de passar ao mundo uma mensagem. Incentivamos nossos alunos a pensar no que eles querem dizer ao mundo.

2.16 Idéias para o roteiro do nosso filme (14/10/13)

O verão se aproxima no Rio de Janeiro. O dia parece ser ainda mais quente e abafado na Cidade Alta. O clima provoca um ritmo devagar no nosso início de semana. Numa véspera de feriado, contamos com a presença de pouquíssimos alunos. Decidimos, portanto, mudar nosso planejamento de aula. Com somente cinco alunos, deixamos a escrita da escaleta do roteiro para a próxima aula. Porém o tempo é curto e já sentimos a necessidade de entrar na questão da história do filme.

Iniciamos o encontro de hoje com uma roda de conversa sobre nosso curta-metragem. Primeiramente, perguntamos aos participantes os possíveis temas para o nosso filme. Diante do silêncio das crianças, resolvemos sugerir alguns assuntos como o lema da escola esse ano: “Quem ama, cuida”. Escrita em letras coloridas no mural do pátio, a frase desencadeou uma interessante discussão. Começamos incentivando-os a pensar no motivo pelo qual a E.M. Armando Fajardo a escolheu. Segundo Vitória: “Por que talvez a gente não esteja cuidando bem da escola? Por que temos que cuidar melhor?”. Todos concordaram. A partir daí, os alunos discorreram a respeito das diferentes maneiras de cuidar do local, apontando ações como “não jogar lixo no chão”, “não riscar as paredes”, “cuidar das plantas no pátio”, “respeitar os professores e funcionários”, “não xingar eles” etc.

Aproveitando os últimos pontos levantados pelos alunos, estimulamos uma reflexão sobre a questão do respeito. Enfatizei a necessidade de que todas as pessoas tenham respeito entre si, não sendo uma exclusividade de professores e funcionários, no caso da escola. Temos de respeitar os nossos colegas, amigos, parentes e todos aqueles que cruzam nossas vidas. Afirmei que somos todos seres humanos, portanto, com os

mesmos direitos de qualquer outro indivíduo. Quando somos crianças, escutamos com frequência que temos o dever de respeitar os mais velhos. Acredito que esta afirmação, no entanto, poderia sofrer uma pequena alteração: Não temos apenas que respeitar os mais velhos, mas também os da nossa idade e os mais novos, assim como todos devem igualmente respeitar-nos.

Incentivando meus alunos a pensarem acerca do lugar onde vivem e de possíveis temas para o filme, perguntamos o fator que mais os incomoda na Cidade Alta. A resposta foi unânime: a violência. A partir daí, surgiu uma discussão e contação de histórias sobre o assunto. Pedro disse que têm muito bandido, mas que a polícia entra aqui, passeia e vai embora. Já Luiza afirmou: “No Natal e Ano Novo aqui é horrível, é tiro para todo lado, a gente não pode nem sair de casa”. Miguel falou num tom de raiva: “Os bandidos andam armados o tempo todo, em qualquer lugar. Eles não estão nem aí para gente.” Vitória reclamou: “Eles ficam sentando na escada da nossa casa e usando drogas”.

Notei um tom de desabafo em muitos desses depoimentos. Acredito que tanto os professores, quanto a sua família e amigos, não páram com frequência para conversar sobre o assunto, pois este faz parte da rotina de muitos. Desse modo, o problema não passa a ser banal, porém os moradores da Cidade Alta de algum modo o aceitam para que possam seguir suas vidas.

Ainda conversando sobre a violência, fizemos a seguinte pergunta: “O que vocês fazem quando tem tiroteio?”. As respostas variaram entre “Eu deito no chão”, “Eu encosto na parede até passar” e “Eu saio correndo”. Nesse momento, Luiza, bastante emocionada, contou uma história sobre um confronto entre duas facções ocorrido em um bar na sua rua no ano passado. Os traficantes da Parada de Lucas, uma comunidade próxima dali, invadiram a Cidade Alta em busca dos principais chefes do Comando Vermelho. O tiroteio durou duas horas e muitos ficaram feridos. Minha aluna foi me contando esta história detalhadamente, pois conseguiu ouvir tudo enquanto se escondia debaixo da janela. Vitória nos relatou outro acontecimento lamentável: “Uma vez eu estava no beco, sentada no banco comendo um lanche, quando começou o tiroteio. Eu saí correndo e vi que uma mulher morreu no lugar onde eu estava antes.”

Os participantes do Vídeo Ambiental apontaram que o problema não se restringe apenas as ruas do bairro, mas também ocorre com frequência na escola. Para

exemplificar, narraram uma situação em que alguns meninos se juntaram para bater em Vitória, sem motivo algum. É muito triste ver como a violência está fortemente presente na vida dessas pessoas. Enquanto a maioria das crianças esperam ansiosamente pelo Natal e Ano Novo para celebrarem com suas famílias e ganharem presentes, outras preferem que o tempo passe mais rápido nessa época do ano para que terminem os tiroteios diários. Pois como Luiza desabafou: “No Natal e Ano Novo aqui é horrível, é tiro para todo lado, a gente não pode nem sair de casa”. Com uma idade entre nove e onze anos, enfrentam uma realidade que muitos adultos não têm sequer noção da existência.

No próximo momento da aula, sugerimos ainda outra temática a ser explorada no nosso filme. Através das entrevistas, dos sonhos expressos na árvore dos sonhos e de nossas próprias reflexões percebemos que a brincadeira pode ser um ponto interessante. Meus alunos têm recreação, um espaço de tempo livre dentro do turno escolar, somente duas vezes na semana, durante meia hora. Ou seja, em cerca de trinta horas semanais que estão na escola, apenas uma hora desse tempo é destinada a atividade de brincar.

Os participantes do Vídeo Ambiental são crianças de uma faixa etária em que deveriam ser incentivadas tanto a brincar, quanto a criar, pensar, refletir, imaginar... aprendendo diariamente com o mundo com o qual se relacionam. Não me impressiona o fato de que muitos são considerados por seus professores como “bagunçeiros” que “não páram quietos”. Permanecendo sentados em cadeiras durante metade de seu dia, os alunos não gastam toda a energia presente em seus corpos. Esta não se restringe apenas a energia física, mas também a sua energia criativa, pouco estimulada na maioria das escolas tradicionais.

Continuamos nossa discussão a respeito do assunto com a seguinte pergunta: “Se vocês não brincam na escola, aonde vocês brincam?”. Miguel, de nove anos, nos disse: “Brinco em casa com os meus irmãos”. Já Vitória nos relatou uma infeliz situação: “Não brinco em casa. Só cuidado da limpeza e arrumação e vejo televisão. Não dá tempo, nem tenho ninguém para brincar comigo. Não dá para brincar na rua porque é muito perigoso”. Essa menina de dez anos não tem espaço para brincar. Fiquei ainda mais preocupada quando minha aluna falou que antes de estudar na E.M. Armando Fajardo não sabia da existência da recreação, pois sua antiga escola não disponibilizava tempo algum para esta atividade.

A partir da última afirmação de Vitória “Não dá para brincar na rua porque é muito perigoso”, Pedro reagiu com os olhos tristes: “É muito injusto isso, a gente não poder brincar na rua. Nós somos crianças, temos que poder brincar na rua, nos divertir”. Respondendo a pergunta inicial sobre o local aonde desenvolve a brincadeira, Pedro falou que as vezes brinca em casa com a sua mãe. Neste momento, Vitória demonstrou que sua rotina é ainda mais dura: “Minha mãe só me bate, não brinca comigo. Meu pai e meus irmãos saíram de casa porque não aguentam mais a minha mãe, nem eu aguento mais também”.

Sinto imensa preocupação e tristeza ao notar a realidade em que se encontram meus alunos. As crianças da Cidade Alta são impedidas de brincar na rua com seus amigos. Esta atividade essencial fica praticamente restrita a seus lares na companhia de seus parentes, quando isto ocorre. Acredito que a escola não a trata com a sua devida importância, na medida em que destina apenas uma hora semanal para a recreação de as turmas do terceiro e quarto ano. Igualmente me alinge a situação doméstica descrita por Vitória.

Finalizando a conversa sobre o nosso futuro filme, propusemos que os estudantes pensassem na escolha entre uma ficção e um documentário. Relembramos as suas definições, as quais demonstraram ser um pouco complexas para a sua compreensão. A maioria optou por realizar uma ficção, porém decidimos esperar pelas opiniões dos outros alunos a serem escutadas na próxima aula. Em relação aos temas que conversamos anteriormente, pareceram interessar a todos.

A última atividade do encontro de hoje foi a dinâmica de “construção coletiva de histórias”. Ainda sentados em uma roda, Sofia, minha parceira, começou a contar uma história qualquer. Em um determinado momento, bati palmas e ela parou. A partir daí, Miguel continuou a história até que eu bati palmas; Pedro seguiu construindo a mesma narrativa até o instante de parar e assim sucessivamente. Senti grande alegria ao notar o modo como a atividade foi se desenvolvendo com fluidez e criatividade. Os alunos criaram juntos uma história bastante interessante, com um começo, meio e fim repletos de reviravoltas. Percebo, mais uma vez, a grande imaginação e capacidade de criação presente nos meus alunos. Acredito que todos os seres humanos, principalmente as crianças, são naturalmente criativos e precisam apenas de incentivo para expressar todo o seu potencial.

2.17 Criação da escaleta do filme (21/10)

Chegamos enfim, a elaboração do nosso roteiro. A frequência de alunos continua baixa, porém o final do ano letivo se aproxima e ainda temos todo o processo de um filme pela frente. Decidimos, portanto, escrever a sua escaleta, ou seja, o “esqueleto” do roteiro feito a partir do resumo das suas sequências. Acredito que não temos tempo suficiente para desenvolver todo o roteiro junto aos alunos nas nossas aulas. Na verdade, esta é sempre uma questão complicada no Vídeo Ambiental.

Enfrentamos sérias dificuldades para escrever com os participantes todas as sequencias de forma detalhada. É um processo criativo que demanda muita concentração, difícil de ser feito com dez, quinze pessoas. Além disso, também nos deparamos com a questão da falta de tempo. Ao longo da minha experiência no projeto, já perdi muitas aulas por conta de situações de violência nos locais das escolas, greve, falta de água, entre outras adversidades encontradas pelo caminho. A partir daí, nosso planejamento de aulas está frequentemente sujeito a mudanças e infelizmente as vezes temos de acelerar algumas etapas.

Optamos, então, por criar apenas a escaleta durante a aula de hoje. Perguntamos aos alunos em relação as suas idéias para o filme, mas não obtivemos sucesso algum. Nos deparamos, mais uma vez, com o bloqueio que muitas crianças possuem para criar e pensar por si próprias, raro exercício no ambiente escolar tradicional.

Como já havíamos discutido alguns temas em aulas anteriores, pensamos em sugerir aquele que mais nos chamou a atenção: a brincadeira. Este ponto surgiu no diagnóstico sócio-ambiental e cultural da Cidade Alta, feito a partir de diversas atividades como as entrevistas, a árvore dos sonhos, o passeio pelo bairro, entre outros. No Vídeo Ambiental, o filme é a ferramenta usada para mostrar uma ou mais questões levantadas neste diagnóstico feito pelos alunos e orientadores, com o objetivo de mobilizar não apenas a escola, mas também ultrapassar seus muros.

O tema da brincadeira despertou o interesse de toda a turma. O próximo passo foi a escolha entre um documentário e uma ficção. Novamente sentimos a necessidade de interferir, optando pelo documentário por conta da baixa frequência dos participantes. Explicamos para os mesmos que numa ficção precisamos tanto de atores,

quanto de pessoas para a equipe atrás das câmeras, mas infelizmente não contamos com alunos suficientes. Creio que muitas crianças têm faltado por conta da greve vigente, estando desestimuladas para ir a escola e se confundindo ou até mesmo esquecendo sobre a realização das nossas aulas. Tal fato me desagrada, pois sinto que outros alunos interessados poderiam participar. Além disso, caso tivéssemos uma turma maior não teríamos de interferir na escolha por um documentário, por exemplo.

Pegamos um pilot e começamos a escrita da escaleta no quadro da sala. Primeiramente, perguntamos as crianças sobre as principais brincadeiras de suas rotinas. As respostas variaram entre “pique-pega”, “menino pega menina”, “polícia e ladrão”, “pique gelo”, “jogos de tabuleiro”, “boneca”, “boneco”, “jogos de computador”, “videogame”, entre outros. A E.M. Armando Fajardo destina apenas uma hora semanal para as turmas de terceiro e quarto ano brincarem. O ambiente conta com uma quadra e um gramado na parte detrás do prédio, porém apenas o pátio da frente, cimentado e pequeno, é acessível durante a recreação. No dia-a-dia escolar, este amplo espaço fica restrito as aulas de educação física. Com o seu professor em greve há mais de dois meses, alguns dos meus alunos não brincam lá faz tempo. Pedro reclamou sobre tal fato: “Por que a greve não acaba hein? Vou falar com o prefeito.”

Continuamos discutindo sobre o assunto, incentivando os alunos a levantar questões sobre a brincadeira que eles gostariam de retratar em nosso filme. Além da ausência de tempo e espaço na escola, também percebemos que existem os seguintes pontos de interesse: a proibição dos pais ou a ausência de espaço para brincar em casa, a curiosidade pelas brincadeiras antigas e a impossibilidade de brincar nas ruas do bairro por conta da forte presença da violência. O último aspecto é comum a todos os participantes presentes no encontro de hoje. Com exceção daqueles que possuem pátio no prédio aonde moram, durante o final de semana estas crianças não brincam ao ar livre.

Após decidir os pontos a serem explorados no documentário, desenvolvemos as diferentes maneiras de retratá-los. Iniciamos com uma simples pergunta para os participantes: “Como vamos falar da brincadeira no nosso filme?”. Miguel respondeu um pouco inseguro: “Entrevistas?”. Acenei afirmativamente, um sorriso no rosto demonstrando a minha satisfação. Continuamos apenas os guiando no exercício de construção da escaleta: “Mas quem nós vamos entrevistar?”. As respostas variaram

entre a mãe e o tio da Raíssa, a diretora da escola, a mãe da Vitória e diversos alunos e funcionários da E.M. Armando Fajardo. Miguel ainda falou que gostaria de entrevistar o prefeito da cidade, mas lhe disse que, provavelmente, não seria possível, e ainda compartilhei que também teria muitas questões para perguntar ao nosso alcaide.

Sobre as brincadeiras antigas, os alunos optaram por sequências em que crianças estivessem pesquisando na internet e lendo livros sobre o assunto na sala de leitura. O filme estava se construindo, pouco a pouco. Realizamos, portanto, uma pergunta essencial para a conclusão da escaleta: “Qual vai ser a primeira cena do nosso filme?”. Após um momento de debate, decidimos em conjunto que estas mesmas crianças das outras sequências seriam apresentadas no primeiro momento do filme, conversando no pátio sobre a falta de espaço para brincar tanto na escola, quanto no bairro. Desse modo, elaboramos uma mistura de ficção e documentário.

Logo após, surgiu um outro assunto a respeito da brincadeira: a manufatura de brinquedos, mais especificamente os reciclados. Raíssa disse que sua mãe já fez um carrinho com uma latinha de refrigerante. Já Miguel, Vitória e Pedro afirmaram que sua turma construiu um brinquedo muito divertido com garrafa pet e palitos de churrasco na aula de ciências. A partir daí, tiveram a idéia de mostrar uma oficina de brinquedos recicláveis em nosso filme. Os personagens vão estar aprendendo com profissionais, reforçando a mistura de ficção e documentário. O final da nossa produção cinematográfica trata-se de uma cena lúdica em que estas crianças estão brincando de diversas brincadeiras que conheceram ao longo da sua pesquisa e investigação.

Pronto. A escaleta de nosso filme estava agora fechada. Mais uma etapa foi cumprida. Fiquei muito feliz com o resultado e estou empolgada para as filmagens. Sinto ainda mais alegria quando noto o entusiasmo de meus alunos com a perspectiva já bastante próxima da construção de sua primeira produção cinematográfica. Como não fizemos nenhuma brincadeira no início da aula e estamos justamente tratando desta temática, decidimos finalizar a aprendizagem audiovisual de hoje com a explicação das três diferentes fases da realização de um filme: pré-produção, produção e pós-produção. Tais momentos se resumem, consecutivamente, a preparação antes das filmagens, as filmagens e a edição e finalização da obra audiovisual.

Enfim descemos para brincar no pátio. Realizamos uma dinâmica comum nas aulas de teatro. Todos formam uma fila e aquele que está na frente comanda o

movimento a ser imitado pelos outros. Após realizar esta ação por um determinado tempo, a pessoa da frente muda de lugar para a última da fila, modificando também aquele que vai liderar a primeira posição e o novo movimento a ser seguido. A partir do pressuposto em que os participantes criam seus próprios movimentos com rapidez e gastam um pouco da energia frequentemente acumulada em seus corpos infantis, a brincadeira estimula o corpo, a imaginação e a velocidade de raciocínio. Fomos, ainda, recompensadas com muitos sorrisos e risadas.

2.18 Pré-produção (23/10/13)

Já que estamos falando de brincadeira no nosso filme, nada mais apropriado do que iniciar a aula de hoje brincando. Na dinâmica do “mestre”, todos ficam de pé em uma roda. Definimos uma pessoa para ser o mestre e outra para sair da sala. A primeira começa a fazer um movimento e todos que estão na roda devem imitá-la discretamente. A pessoa que se ausentou da sala retorna com o objetivo de descobrir quem é o mestre. Esta possui apenas duas tentativas para adivinhar, enquanto os outros participantes tentam dificultar ao máximo que isto ocorra. Após esse momento, há uma troca das funções entre as crianças.

A atividade trabalha questões como a concentração e a criação, na medida em que todos devem permanecer em silêncio e inventar movimentos próprios. Senti grande alegria, mais uma vez, ao notar que os alunos se divertiram bastante. Como é bom ter a oportunidade de brincar com crianças. Como é bom sorrir, gargalhar, criar, imaginar... voltar a sensações tão presentes em nossa infância.

Posteriormente, sentamos em uma roda e relembramos brevemente a escaleta do nosso filme. Percebemos que tínhamos pensado em pessoas para entrevistar, mas que ainda precisávamos elaborar tais entrevistas. Então iniciamos um processo de construção coletiva de perguntas. A partir das sequências definidas na escaleta e dos pontos discutidos em sala de aula a respeito da brincadeira, os alunos criaram, por si próprios, perguntas extremamente interessantes: “Quais eram as brincadeiras que você brincava quando era criança?”, “Você tinha liberdade para brincar na rua?”, “Você podia brincar em casa?”, “Na sua época existiam jogos de computador e videogame?”,

“Você fazia seus brinquedos?”, “Você tinha recreação?”, “Você tinha espaço para brincar na escola?”, dentre outras.

O exercício ocorreu de forma autônoma, na medida em que nossa interferência se restringiu somente a chamar a atenção de alguns participantes que estavam desconcentrados. Fico muito orgulhosa ao constatar uma crescente melhora na capacidade dos participantes de raciocinarem e criarem por si próprios.

Por outro lado, a falta de concentração é um problema que vem se repetindo em diversas aulas. O processo de construção de um filme pode ser bastante complexo, principalmente para crianças numa faixa etária entre nove e onze anos. É todo um aprendizado novo, aonde os conteúdos e ensino dos mesmos podem ser bem distintos do que eles estão acostumados. Além do mais, os encontros do Vídeo Ambiental são de duas horas seguidas e podem ser cansativos. Acredito, porém, que esta duração de aula é necessária, pois temos muito a produzir e um tempo de cinquenta minutos, como as aulas da maioria das disciplinas, pode não ser suficiente.

O próximo passo da pré-produção de nosso filme foi a explicação das diversas equipes cinematográficas. A partir daí, os alunos se dividiram entre os departamentos de fotografia, arte, som, direção e produção de acordo com o interesse de cada um. Nesse momento, discutimos sobre a importância da concentração, do silêncio e do respeito durante as filmagens. Falamos sobre hierarquia, afirmando que na nossa oficina rejeitamos tal conceito. No Vídeo Ambiental, não apenas no filme mas em todo nosso processo, ninguém está acima de ninguém, somos todos iguais. Nesse caso, a divisão entre diferentes funções foi realizada apenas com o objetivo de manter o set organizado. Enfatizamos, portanto, que temos de manter uma equipe forte e unida, ajudando uns aos outros sempre que necessário.

Logo após, ensaiamos a primeira cena do filme. Estamos fazendo um documentário, mas temos algumas sequências que se misturam com a ficção. Em conjunto com os alunos, definimos os atores para estas partes específicas. Imaginando que estavam no pátio da escola, os personagens conversaram sobre o tédio das usuais brincadeiras e sobre a falta de espaço e tempo para brincar.

Enquanto alguns escolheram atuar, outros ficaram atrás das câmeras filmando o ensaio. Ainda não tínhamos definido as falas de cada um, mas já havíamos discutido

sobre a idéia principal da sequência na aula anterior. Todos improvisaram até que surgiu um diálogo ideal, o qual anotamos para aqueles que desejavam decorar em suas casas. Enfrentamos, mais uma vez, a falta de concentração de alguns alunos que ficaram rindo e olhando para a câmera em cena. Estas crianças nunca atuaram em cinema, portanto este tipo de situação é extremamente comum.

Finalizamos o encontro de hoje com o plano de filmagem do nosso documentário. Trata-se de uma separação das sequências pelas datas de filmagem. Esta normalmente é uma tarefa da equipe da direção, porém decidimos que seria mais apropriado elaborar este documento junto com os alunos, de modo que todos ficaram cientes das cenas que vamos filmar em cada dia.

Percebi a alegria de todos quando falamos que o primeiro dia de filmagem será na próxima semana. Olho a minha volta e vejo os olhinhos infantis repletos de entusiasmo, ansiosos por se tornarem pequenos cineastas. Experimento diversas sensações numa mistura de medo, nervosismo, felicidade e amor. Sinto muito amor, sempre, pelo exercício da docência, do cinema e pelos meus queridos educandos.

2.19 Primeiro dia de filmagem (29/10/13)

Primeiro dia de filmagem do Vídeo Ambiental na E.M. Armando Fajardo. Chegamos a escola de manhã cedo e somos imediatamente recebidas com abraços e sorrisos. Todos estamos muito animados para dar início a produção do nosso filme. Com o fim da greve, muitos alunos que não estavam presentes nas últimas aulas retornam, formando um grupo maior e mais forte para o início das gravações.

Começamos com a sequência de ficção que ensaiamos na última aula, na qual apontamos a realidade da falta de espaço e lugar para as crianças da Cidade Alta brincarem. A cena dá o pontapé inicial para os assuntos que serão trabalhados ao longo do curta-metragem.

Entediados no pátio da escola, os personagens conversam a respeito da vontade de conhecer outras brincadeiras e da liberdade restrita para brincar. Fiquei muito orgulhosa ao notar como os alunos foram capazes de memorizar suas falas. Mesmo

sendo um breve diálogo, é uma tarefa bastante difícil para crianças de nove a onze anos que nunca praticaram isto antes. Normalmente enfrentamos dificuldades no Vídeo Ambiental nas cenas que contém diálogos, principalmente com mais de duas pessoas, como foi o caso.

Todavia, a falta de concentração foi um problema durante toda a aula. Esta não se restringiu apenas aos atores, mas também aqueles que estavam atrás das câmeras nas funções de direção, produção, câmera e som. Em diversos momentos, os alunos ficaram rindo, conversando, olhando para a câmera, andando e brincando uns com os outros na hora da gravação. Na primeira cena do dia, por exemplo, tivemos que fazer várias tomadas de um mesmo plano conjunto por conta da distração de algumas crianças, que estavam em cena, mas não prestavam atenção no que se passava ao seu redor e falavam antes do “ação”, além dos frequentes risos e olhares para a câmera.

Interfirmos, portanto, antes da filmagem da próxima sequência. Abrimos uma roda no canto da locação, no caso a sala de leitura, para discorrer sobre a importância da concentração e do trabalho em equipe. Num set de cinema precisamos nos ajudar, ficar atentos ao que passa a nossa volta, mesmo que não estejamos fazendo nada em um determinado momento. Falamos ainda que o resultado do curta-metragem depende do esforço e dedicação dos próprios participantes, lembrando que o filme é uma produção coletiva deles mesmos, que nós estamos ali apenas para orientá-los nesse processo.

Partimos, então, para as cenas em que os personagens buscam novas brincadeiras. Na primeira, as crianças lêem e comentam livros sobre o assunto. A maioria dos alunos teve um ótimo desempenho na sua interpretação, se mantendo concentrados e improvisando conversas e ações interessantes. Já na sala de informática, apesar de ser uma cena bem simples, na qual dois personagens navegam pela internet, a filmagem demorou bastante. Os motivos foram tanto os problemas técnicos dos computadores, quanto o cansaço dos alunos após duas horas de gravação. Felizmente, conseguimos cumprir nosso plano de filmagem, mas não restou tempo para brincadeira.

Acredito que falhamos ao deixar esta atividade tão essencial para o final da aula. Cometemos uma contradição na medida em que estamos realizando um filme sobre a importância da brincadeira, mas não priorizamos o tempo para os alunos brincarem na

aula de hoje. Ainda precisamos filmar, editar e finalizar um curta-metragem até o final da oficina e nos restam poucos encontros.

Dessa forma, precisamos correr um pouco com nosso cronograma, porém não podemos esquecer daquilo que mais importa: a formação dos alunos como indivíduos capazes de criticar, observar, opinar, se relacionar, sentir, brincar, amar, entre outros. Meu objetivo principal como educadora é contribuir para a construção de seres humanos preparados para o mundo, estimulando seu senso crítico e sua vocação de criar e imaginar. Me preocupo tanto com o ensino de questões como liberdade de expressão, conscientização ambiental, respeito, crítica, luta e amor, quanto com o ensino da técnica e linguagem audiovisual e de conteúdos de educação ambiental.

Por fim, formamos uma roda para conversar sobre a nossa primeira filmagem. As opiniões variaram entre “muito legal”, “demais”, “complicado”, “muito bom”, “mais difícil do que eu esperava”, entre outros. Enfatizei a necessidade de levar alguns conceitos específicos não apenas para nossas filmagens, mas durante toda a oficina, tais como respeito, trabalho em equipe, concentração, silêncio e calma. “Um mundo com mais brincadeiras” foi a frase sugerida por Vitória ao perguntarmos o que o encontro de hoje representou. Me enchi de alegria ao novamente notar a sensibilidade dessa menina tão especial. Juntamos nossas mãos no centro da roda e jogamos essa bela mensagem para o universo.

2.20 Segundo dia de filmagem (31/10)

“Eu estou com o coração disparado desde ontem” foi a frase que escutei de Vicente quando perguntei para os alunos se eles estavam animados para a filmagem. Com essas palavras logo de manhã, meu dia já começou pleno de amor. Toda a aula de hoje ocorreu fora da sala de aula, tanto no pátio da frente quanto no gramado e no campinho. As brincadeiras do “nó” e da “espada” foram as escolhidas pelos alunos para dar início a aula. Rimos, gastamos energia, nos concentramos, pensamos... nos divertimos bastante. Agora sim poderíamos partir para o nosso segundo dia de filmagem.

Sentamos em uma roda, ainda aproveitando o espaço ao ar livre da escola. Relembramos o que gravávamos no encontro de hoje: as entrevistas com os alunos e com a diretora Luciana. Primeiramente, fizemos uma leitura das perguntas que já havíamos elaborado em outra aula. Observamos, porém, que estas eram dirigidas especificamente a adultos e adaptamos para os depoimentos com as crianças.

Indagamos cerca de dez alunos, incluindo alguns participantes da oficina, sobre as seguintes questões: “Aonde você pode brincar?”, “Quais são as brincadeiras que você brinca?”, “Você tem liberdade para brincar na rua? E na escola”, “Você brinca mais no computador ou de outras brincadeiras?”. A partir daí, obtivemos diferentes respostas a respeito da liberdade. Parece que alguns pais deixam seus filhos brincarem na rua sem problemas, enquanto outros os proíbem de realizar tal atividade, temendo por expor suas crianças ao perigo diário da violência na Cidade Alta.

A próxima etapa foi a entrevista com a diretora da E.M. Armando Fajardo. Luciana nos contou nostálgica sobre as memórias da sua infância na Cidade Alta. Ouvimos um pouco da sua visão a respeito do espaço e tempo destinado a brincadeira na escola e da importância desta atividade na vida das crianças. A maioria das crianças permaneceu atenta ao longo da gravação, improvisando novas perguntas de acordo com as informações expressas, construindo, portanto, uma entrevista extremamente interessante. O carisma da diretora e a sua constante interação com os alunos foram essenciais para tal.

No entanto, algumas crianças dispersaram durante a atividade e foram conversar, brincar, ou simplesmente se afastaram do set de filmagem. É provável que o principal motivo tenha sido o cansaço após tanto tempo de trabalho, algo extremamente natural quando estamos tratando de alunos do terceiro e quarto ano. Felizmente, este problema não comprometeu o belo resultado do depoimento.

Notei a empolgação presente na maioria dos participantes durante a filmagem do encontro de hoje. Apesar de ainda enfrentarmos momentos de falta de concentração, a situação foi melhor do que na outra aula. Encontramos, entretanto, o problema da desorganização, quando todos os participantes queriam fazer tudo ao mesmo tempo. Como gravamos apenas entrevistas, o grupo inteiro ficou atrás das câmeras, se alternando nas diferentes funções de direção, câmera, som e entrevistador. Resolvemos mudar nosso planejamento inicial, no qual os participantes se dividiram em equipes

fixas, optando agora pelo revezamento por conta da quantidade de crianças presentes. Mesmo com essa modificação, na presença de doze alunos muitos não tinham o que fazer em determinados momentos, tendo grande dificuldade de aguardar pacientemente pela sua vez de participar em uma equipe específica.

Acredito que há uma ligação entre o entusiasmo das crianças e a desorganização. Na medida em que todos estão muito ansiosos e com muita vontade de participar, não conseguem esperar e querem fazer tudo o tempo todo. Sinto grande alegria ao notar que os alunos estão apreciando bastante o processo, porém foi complicado lidar com seus insistentes pedidos para realizar uma determinada função, pois um atropelava a fala de outro durante as gravações.

Por fim, fizemos uma roda para conversar, mais uma vez, sobre a importância de mantermos a calma e nos constituirmos enquanto uma equipe forte e unida. Indagamos sobre a razão da dispersão de alguns alunos durante a entrevista com a diretora. A resposta confirmou minha hipótese do cansaço. Fiquei muito satisfeita com o resultado da filmagem de hoje, apesar das adversidades encontradas. Sinto que os alunos estão progredindo pouco a pouco, caminhando para a construção de um filme de imensa beleza. Olhando todos aqueles rostos infantis a minha volta, fiz questão de expressar tais sentimentos.

2.21 Terceiro dia de filmagem (04/11)

Mais um dia de filmagem do Vídeo Ambiental na E.M. Armando Fajardo. Como de costume, começamos o encontro com uma roda para relembrar o planejamento do dia. A primeira etapa foi a realização de novas entrevistas com crianças. Além das perguntas feitas na aula anterior, pensamos em outras como “Qual é a importância da brincadeira para você?”, “O que é ser criança para você?” e “Você quer deixar algum recado para as crianças, pais e/ou diretora da escola?”. Nosso objetivo foi retratar explicitamente a mensagem de nosso filme: a importância da brincadeira.

Segundo Pedro, “As crianças ainda têm que brincar muito, porque ainda são muito crianças. Tem que brincar todos os dias. Não pode proibir as crianças de brincarem, tem que deixar brincar.” Já Bernardo nos disse: “A gente tem que aproveitar,

porque vamos crescendo e começando a ter responsabilidades. Aí quando a gente fica adulto, já não pode mais brincar.” Lucas, um aluno novo de aproximadamente onze anos, nos deu uma resposta simples e direta: “A importância de brincar na minha vida é porque eu fico feliz”. Alguns alunos tiveram dificuldade de responder a esta questão, porém todos demonstraram, de uma forma ou de outra, como a brincadeira é uma atividade extremamente essencial em suas vidas.

As respostas tanto a pergunta sobre a recreação, quanto os eventuais recados para a diretora, novamente nos comprovaram que a maioria das crianças sente falta de mais tempo e espaço para brincar em sua escola. Vitória, por exemplo, mandou a seguinte mensagem para a diretora: “Deixe as crianças brincarem mais porque só dois dias de recreação por semana não dá não. A gente quer brincar mais.” Miguel expressou uma visão semelhante: “A diretora Luciana devia dar recreação todos os dias para nós.” Lucas nos contou que desde que a greve acabou não possui mais recreação, pois sua professora tem que correr atrás do tempo perdido para ensinar todos os conteúdos curriculares até o término do ano letivo. Constatamos, mais uma vez, a carência da brincadeira na vida de muitas crianças da Cidade Alta.

O próximo momento da aula de hoje foi marcado pela filmagem de diversas cenas em que crianças brincam. Os participantes da oficina optaram por o “nó”, a “espada”, “a fila de movimento”, o “olhar”, “o hu-ya”, “galinha choca”, “menina pega menino”, entre outros. Utilizamos o espaço da quadra e do gramado e convidamos outros alunos para participarem. Com a ajuda de um céu azul, registramos belas imagens de crianças em constante movimento, risadas e sorrisos demonstrando sua diversão.

Senti um progresso significativo da atuação dos alunos nas filmagens desde a nossa primeira experiência no set. Os entrevistados desenvolveram melhor suas respostas, pensando sozinhos e parecendo estar mais a vontade diante da câmera. Em relação a equipe, notei uma grande melhora na sua organização. Os participantes dividiram as funções antes da filmagem, se revezando em cada entrevista. Nas outras aulas tinham feito o mesmo, porém ocorreram conflitos nos momentos quando todos queriam fazer tudo ao mesmo tempo.

Felizmente, tal situação não se repetiu no encontro de hoje. O respeito foi mantido ao longo do dia e as crianças realizaram uma troca de funções organizada,

aonde todos se escutaram e aguardaram pela sua vez de exercer uma determinada atividade. Ademais, fiquei muito feliz quando percebi como meus alunos estão cada vez mais autônomos, pensando e agindo por si próprios durante as gravações do nosso filme.

2.22 Quarto dia de filmagem (06/11/13)

Nosso último dia de filmagem foi de uma beleza sem igual. Convidamos o avô de uma amiga para nos mostrar um pouco do seu talento. Com 82 anos, Carlos constrói brinquedos de madeiras e outros materiais recicláveis. Após se aposentar como médico, se deparou com muito tempo livre e resolveu desenvolver este trabalho tão interessante. Cheio de simpatia, nos contou um pouco de sua história, ao mesmo tempo em que explicava a confecção de cada brinquedo.

Aproveitamos a oportunidade para lhe perguntar sobre a questão principal do nosso filme, a importância da brincadeira. Carlos nos passou um pouco de sua sabedoria: “É muito importante, porque na vida da gente não devemos saltar fases, de maneira alguma. Então a criança tem que brincar porque na brincadeira inclusive ela se torna criativa, ela inventa coisas, passa o tempo, se distrai e não salta uma etapa.”

Durante a sua infância tinha muita liberdade para praticar algumas de suas brincadeiras preferidas como roda, amarelinha, pique-esconde, entre outros. Graças a seu projeto “Do lixo ao luxo”, passa seu tempo ajudando o mundo na medida em que recicla materiais que seriam jogados fora e proporciona muita alegria doando brinquedos para crianças que muitas vezes não têm condição de comprá-los.

Após a filmagem da entrevista, realizamos uma espécie de oficina. Carrinhos, aviões, banquinhos e caminhões feitos a mão por Carlos foram pintados pelos alunos. Todos realizaram a atividade com muita dedicação, ansiosos por levarem seus novos brinquedos para casa. Já realizei diversas pinturas ao longo da minha experiência no Vídeo Ambiental, a maioria relacionada ao filme, mas sempre me impressiono com o caráter terapêutico desta atividade. Notei tranquilidade, calma, silêncio, concentração e alegria. As crianças permaneceram imersas nas suas pinturas por um longo tempo e,

quando avisamos que a aula estava acabando, nos imploraram para que ficassem por mais alguns minutos.

Chegamos, enfim, ao término das filmagens do Vídeo Ambiental. Nosso documentário ainda não está pronto, mas já dá para ter idéia do produto final. Pessoalmente, me preocupo muito mais com o processo de construção do filme e com todos os outros aprendizados da oficina do que com sua qualidade técnica. Como já disse anteriormente, acredito que os principais objetivos são o desenvolvimento do senso crítico, da criatividade, do trabalho em equipe, do raciocínio, da autonomia, entre outros. Apesar de algumas dificuldades encontradas ao longo do caminho, o processo do Vídeo Ambiental na E.M. Armando Fajardo foi bem sucedido.

Entretanto, ao longo da pré-produção e da produção do documentário, acabamos interferindo mais do que gostaríamos em algumas das atividades por diferentes razões. Primeiramente, o atraso do início do Vídeo Ambiental e os contratempos encontrados por conta da greve nos prejudicaram bastante, na medida em que reduziram o período da oficina e contribuíram para a baixa frequência dos participantes. Com pouco tempo e com uma pequena quantidade de alunos, tivemos que apressar determinadas etapas e nossa interferência se fez necessária. Porém, ao longo do processo notei diversas mudanças em crianças que me ensinaram muito mais do eu as ensinei. Como é bom perceber as particularidades de cada um. Como é bom ter a oportunidade de ensinar e aprender com indivíduos cheios de talento e sabedoria. Como é forte o amor que sinto pela docência e por todos os meus alunos.

CAPÍTULO 3 – TECENDO ANÁLISES DO PROCESSO

3.1 Análise do diário do Vídeo Ambiental na E.M. Armando Fajardo

Para a análise dos relatos desta experiência, é preciso lembrar que registrei nesta monografia apenas uma parte da oficina. Meu estudo ficou restrito ao primeiro contato com os participantes até o fim da etapa das filmagens de seu curta-metragem. Ficaram de fora alguns encontros que não foram retratados neste trabalho. Escolhi este recorte específico pela sua relevância para o processo do Vídeo Ambiental como um todo. Deste modo, meu diário abrange as quatro primeiras etapas desta oficina de cinema e educação ambiental: Construção de diagnósticos e articulação, introdução ao audiovisual, desenvolvimento do roteiro e produção e gravação do vídeo.

Este capítulo objetiva discutir a efetividade destes encontros na construção de uma prática crítica, dialógica e horizontal. Através de uma reflexão crítica sobre o conteúdo e a forma do que foi ensinado e o desempenho pedagógico dos alunos nas atividades propostas, torna-se possível realizar uma análise da minha própria prática educativa, de maneira a pensar se esta promoveu o caráter problematizador no qual acredito. Ademais, busco discorrer a respeito de questões levantadas no diário como as desvantagens da educação “bancária”; as más condições ambientais, sociais e econômicas da Cidade Alta; o descaso do Estado brasileiro em relação ao sistema público de ensino, entre outros.

A metodologia do Vídeo Ambiental se propõe a praticar uma educação problematizadora em escolas da rede municipal do Rio de Janeiro. A meu ver, a pesquisa-ação, a “árvore dos sonhos”, o “mapa falado”, entre outros, são capazes de atingir os principais objetivos da oficina como o desenvolvimento ao senso crítico e a expressão artística. Por outro lado, enfrentamos alguns problemas para construir, de fato, uma educação crítico-progressista.

Ao longo de quatro meses, realizamos atividades que incentivaram os participantes a refletir, criar, criticar, opinar, se expressar etc. Em diversos momentos, entretanto, percebemos uma dificuldade de adaptação dos alunos a essa educação

“diferenciada”. Faço uso deste termo pois creio que o modelo “bancário” está em vigor em muitas escolas brasileiras, inclusive a E.M. Armando Fajardo. Nesse caso, portanto, uma educação problematizadora se diferencia daquela que as crianças do Vídeo Ambiental estão acostumadas.

Acredito que tanto a minha prática educativa, quanto o próprio projeto do Vídeo Ambiental por si só, se dispõem a realizar uma educação crítico-progressista defendida por Paulo Freire. Porém, levanto a seguinte questão: É possível realizar uma educação problematizadora no Brasil, mais especificamente em uma escola pública, no caso a E.M. Armando Fajardo?

Não pretendo, no último capítulo deste trabalho, dar uma resposta final, mas somente discutir acerca deste assunto, de forma a indicar as adversidades encontradas ao longo do caminho de construção de uma educação “diferenciada” e seus possíveis motivos. Na medida em que acredito numa concepção problematizadora e libertadora da educação, tenho que estar sempre lutando para que seus principais objetivos e pressupostos sejam incorporados em qualquer que seja o ambiente educacional. E é por esta razão que exercito esta prática no âmbito do meu trabalho. Sobre este aspecto, Paulo Freire afirma:

“É que, se os homens são estes seres da busca e se sua vocação ontológica é humanizar-se, podem, cedo ou tarde, perceber a contradição em que a “educação bancária” pretende mantê-los e engajar-se na luta por sua libertação. Um educador humanista, revolucionário, não há de esperar essa possibilidade. Sua ação, identificando-se, desde logo, com a dos educandos, deve orientar-se no sentido da humanização de ambos.” (FREIRE, 2013, p. 86)

Ao falar na contradição da educação “bancária”, o autor se refere a opressão presente na relação entre educadores-educandos. Neste sentido, ambos estão “desumanizados”, pois o educando, como oprimido, foi privado de seus principais direitos como homem; e o educador, como opressor, perde a sua humanização na medida em que impede o educando de ser. A educação problematizadora busca,

portanto, a superação desta contradição. Neste processo, entretanto, são encontrados diversos obstáculos, sobre os quais o educador discorre em uma nota de página:

“Não fazemos esta afirmação ingenuamente. Já temos afirmado que a educação reflete a estrutura do poder, daí a dificuldade que tem um educador dialógico de atuar coerentemente numa estrutura que nega o diálogo. Algo fundamental, porém, pode ser feito: dialogar sobre a negação do próprio diálogo.” (FREIRE, 2013, p. 86)

Como educadora no Vídeo Ambiental, uma oficina extra-curricular, tenho total liberdade para planejar minhas aulas. Através de conversas com diversos professores concursados, ou seja, contratados pelo Estado para ensinar em escolas públicas, percebo a falta de autonomia e os desafios que muitos enfrentam para realizar uma prática problematizadora. Quando a educação “bancária” reflete a estrutura de poder, a qual possui uma força imensurável, torna-se uma tarefa árdua lutar contra a mesma. Na falta de acesso ao diálogo, os professores não têm voz para falar sobre outras propostas para a educação. Por exemplo, um educador que optasse por um outro modo de avaliação, opondo-se a usual prova, provavelmente não teria a aceitação quando inserido numa concepção “bancária”.

Felizmente, não enfrento este problema no projeto em que trabalho. Porém, ao tentar promover uma educação problematizadora, percebo as dificuldades dos alunos de se inserirem nesse processo e de se realizar essa prática dentro da instituição escolar. Em meu diário, aponto o bloqueio que estas crianças possuem para pensar, agir e criar por si próprias; atividades pouco ou nada presentes dentro do ensino “bancário” ao qual foram submetidas. Segundo Paulo Freire:

“A concepção e a prática da educação que vimos criticando se instauram como eficientes instrumentos para este fim. Daí que um de seus objetivos fundamentais, mesmo que dele não estejam advertidos muitos do que a realizam, seja dificultar, em tudo, o pensar autêntico. Nas aulas verbalistas, nos métodos de avaliação dos “conhecimentos”, no chamado “controle de leitura”, na distância entre o educador e os educandos, nos critérios de

promoção, na indicação bibliográfica, em tudo, há sempre a conotação “digestiva” e a proibição ao pensar verdadeiro.” (FREIRE, 2013, p. 89)

Desse modo, as crianças raramente são estimuladas a reflexão na sua rotina escolar. Na medida em que o Vídeo Ambiental propõe atividades como a escrita dos sonhos na árvore, a elaboração dos caminhos para a realização dos mesmos, a criação de entrevistas, de um roteiro, discussões sobre temas diversos, análise de filmes, entre outros, os participantes se deparam com exercícios diferentes, nos quais tem que *pensar verdadeiro*, ao invés de apenas decorar e repetir a matéria que lhes foi transferida. A partir do ponto em que estes estudantes tiveram dificuldade diante deste modo de pensar, é possível perceber como crianças e adolescentes podem ser prejudicados pelos efeitos da prática “bancária”. O pedagogo pernambucano afirma que neste tipo de educação não há o interesse em estimular um senso crítico, pois este poderia ser problemático para o sistema opressor:

“Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele, como sujeitos. Quanto mais se lhes imponha passividade, tanto mais ingenuamente, em lugar de transformar, tendem a adaptar-se ao mundo, a realidade parcializada nos depósitos recebidos. Na medida em que esta visão “bancária” anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade, satisfaz aos interesses dos opressores: para estes, o fundamental não é o desnudamento do mundo, a sua transformação.” (FREIRE, 2013, p. 83)

A educação “bancária” é um reflexo do sistema opressor no qual vivemos, aonde o educador é quem sabe, quem diz a palavra, quem disciplina, quem atua... é, portanto, o único sujeito na prática educativa. Acredito que o Vídeo Ambiental, e as minhas aulas a partir de sua metodologia, tentam promover que ambos - educadores e educandos - sejam sujeitos do processo. Porém a instituição escolar, a qual é controlada pelo Estado, muitas vezes se mostra mais forte e nos impede de atingir nossos objetivos. O sistema educacional pautado na opressão não deseja que os educandos oprimidos pensem e

analisem o mundo a sua volta, pois tais ações poderiam acarretar uma mudança, uma transformação que levasse a superação da contradição opressor-oprimidos. Nas palavras de Paulo Freire:

“Por isto é que esta educação, em que educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo, superando o intelectualismo alienante, superando o autoritarismo do educador “bancário”, supera também a falsa consciência do mundo. O mundo, agora, já não é algo sobre que se fala com falsas palavras, mas o mediatizador dos sujeitos da educação, a incidência da ação transformadora dos homens, de que resulte a sua humanização. Esta é a razão por que a concepção problematizadora da educação não pode servir ao opressor. Nenhuma ordem opressora suportaria que os oprimidos todos passassem a dizer: Por quê?” (FREIRE, 2013, p. 105 e 106)

Ao longo dos quatro meses de oficina, acredito que ocorreram momentos nos quais notei a crescente autonomia dos educandos, a manifestação de opiniões, a reflexão crítica, a expressão artística, entre outros. Por outro lado, igualmente percebi a dificuldade de os alunos se adaptarem a prática problematizadora, como já mencionei, exemplificado principalmente no seu bloqueio para pensar e criar. Os instantes em que vi alguma(s) criança(s) agindo por conta própria, como nas criações das histórias no Minuto Lumiere, na elaboração de entrevistas para o filme, no questionamento em diversas discussões, na construção da narrativa na escaleta, na montagem e posicionamento de equipamentos nas filmagens etc, senti que estava de fato promovendo uma educação dialógica, autônoma, crítica e horizontal. Foram momentos mais frequentes no final da oficina. Porém, a dificuldade de pensar e criar sozinhos e uma falta de concentração foram aspectos encontrados ao longo de todo o processo do Vídeo Ambiental na E.M. Armando Fajardo.

Creio que os motivos desta dispersão podem ser tanto a faixa etária dos alunos de apenas nove e dez anos, quanto as características opressivas da educação “bancária”. Neste modelo, as crianças não são incentivadas a exercitar a sua capacidade de raciocínio e não precisam se concentrar, pois apenas decoram a matéria a ser reproduzida nas avaliações. Deste modo, muitos alunos não possuem o costume de refletir e, conseqüentemente, de se concentrar. Quando se deparam com uma prática

problematizadora, enfrentam dificuldades para se manterem focados numa determinada atividade na qual devem “problematizar”.

Através do diário, percebi ainda que a autodesvalia é mais um efeito da educação “bancária”. No dia da realização do stop-motion, por exemplo, a auto-afirmação da incapacidade por parte dos participantes foi bastante presente, principalmente nas falas de Gabriela: “Ah, eu não sei fazer isso. Não sei desenhar. Tá feio. Tá horrível.” Esta menina não conseguia acreditar no seu talento de maneira alguma, apesar dos nossos elogios. Segundo Freire, a baixa auto estima dos oprimidos, nesse caso os alunos, é provocada pelas atitudes dos opressores:

“A autodesvalia é outra característica dos oprimidos. Resulta da introjeção que fazem eles da visão que deles têm os opressores. De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua “incapacidade”. Falam de si como os que não sabem e do “doutor” como o que sabe e a quem devem escutar.” (FREIRE, 2013, p. 69)

A partir daí, muitos professores utilizam a autodesvalia como uma justificativa para o seu autoritarismo. Na medida em que se colocam como os “donos da verdade”, considerando como ignorantes todos os educandos, acentuam cada vez mais a sua suposta superioridade e a baixa auto-estima dos alunos. O autor pernambucano condena o conceito de absolutização da ignorância:

“Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca.” (FREIRE, 2013, p. 81)

Acredito que, além da sua autodesvalia individual, Gabriela carrega o estigma de sua turma, a qual é considerada “atrasada”. A escola concentra alunos na faixa etária entre nove e treze anos considerados “fraquinhos” na turma 1304. Desta forma, além de enfatizar a autodesvalia dos estudantes, a instituição também não leva em consideração as particularidades de cada um. Vicente, aluno desta mesma classe, já repetiu de ano duas vezes, pois têm dificuldades em matemática. Ao invés de estar atenta as características pessoais de cada indivíduo, a educação “bancária” as interpreta apenas como defeitos ou qualidades. Vicente e Gabriela, assim como muitos outros, não são valorizados pelas suas facilidades para desenhar ou filmar, por exemplo, e são desqualificados pelas suas notas abaixo da média.

Outra possível consequência da prática educativa opressora é a deficiência no aprendizado dos conteúdos. Os educandos tornam-se meros receptores de informações, as quais são depositadas em suas mentes de forma passiva. A sua única função é decorar e repetir estes conteúdos em testes ou provas. Sem qualquer tipo de reflexão crítica, não há, portanto, a construção do saber. Dessa forma, muitas crianças e adolescentes não aprendem aquilo que lhes foi ensinado, pois esquecem de tudo logo após a memorização mecânica que tem por fim um bom desempenho na avaliação. Sobre este aspecto, Paulo Freire afirma:

“Quanto mais analisamos as relações educador-educandos, na escola, em qualquer de seus níveis (ou fora dela), parece que mais nos podemos convencer de que estas relações apresentam um caráter especial e marcante – o de serem relações fundamentalmente narradoras, dissertadoras. (...) A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos a memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com os seus depósitos, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão.” (FREIRE, 2013, p. 79 e 80)

Retrato, em meu diário, um acontecimento que demonstra tal situação. Na aula do dia 02/09/13, na qual realizamos uma breve introdução a educação ambiental, notei a deficiência do ensino de conceitos básicos como fotossíntese, meio ambiente,

desperdício, poluição, ciclo da água, entre outros. Provavelmente não ocorreu o aprendizado de fato destes conhecimentos, pois não houve a problematização acerca dos mesmos durante as aulas do turno normal.

A educação “bancária” é um reflexo do sistema opressor em que vivemos, da mesma maneira que a opressão da sociedade é acentuada por esta prática educativa. Segundo Freire, a escola, inserida neste contexto, assume uma postura dominadora para se enquadrar neste tipo de sociedade:

“Com efeito, na medida em que uma estrutura social se denota como estrutura rígida, de feição dominadora, as instituições formadoras que nela se constituem estarão, necessariamente, marcadas por seu clima, veiculando seus mitos e orientando sua ação no estilo próprio da estrutura. Os lares e as escolas, primárias, médias e universitárias, que não existem no ar, mas no tempo e espaço, não podem escapar as influências das condições objetivas estruturais. Funcionam, em grande medida, nas estruturas dominadoras, como agências formadoras de futuros “invasores”.” (FREIRE, 2013, p. 208)

Não pretendo, portanto, culpar a E.M. Armando Fajardo ou qualquer outra escola por assumir uma prática “bancária”. A estrutura em que vivemos é opressora e, conseqüentemente, as instituições que se inserem dentro da mesma tornam-se igualmente dominadoras. Quando um professor assume uma postura educativa problematizadora em um ambiente onde impera a educação “bancária” está, na verdade, enfrentando a sociedade opressora e não a escola em si.

3.2 As diferentes relações de opressão na Cidade Alta

O diagnóstico sócio-ambiental e cultural da Cidade Alta feito no Vídeo Ambiental nos revelou uma triste realidade. Através do meu diário, registro situações e falas dos meus alunos que ilustram as más condições ambientais, sociais e econômicas do bairro, aonde a violência e o lixo nas ruas são predominantes. O surgimento de

sonhos como “Acabar com o tráfico de drogas”, “Que acabassem os bandidos”, “Que tenham mais hospitais e mais escolas”; o levantamento de locais no mapa falado como o beco do “crackudo” e uma praça “perigosa”; a criação de perguntas nas entrevistas como “Por que existem bandidos e por que eles ficam na rua?” e “Por que jogam lixo na rua?”; a sujeira e o odor observados no passeio pelo bairro; as ausências de aulas por conta da ameaça de conflitos violentos; são alguns dos relatos que nos mostram como crianças da Cidade Alta são afetadas pela situação de seu entorno.

Os moradores do bairro são, portanto, impedidos dos seus direitos a moradia, a liberdade de expressão, a educação e saúde de qualidade, a liberdade de ir e vir, entre outros. Desta forma, estão impedidos de *ser mais*, pois têm a sua humanidade roubada pelo opressor. Neste contexto, Paulo Freire discorre:

“A violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta só tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos.” (FREIRE, 2013, p. 41)

Estes habitantes sofrem com as péssimas condições de seu bairro, enquanto o Estado brasileiro, mais especificamente o governo e a prefeitura do Rio de Janeiro, parecem não realizar esforço suficiente para alterar este cenário. Configuram-se, então, como o opressor, pois permitem, quando não são a própria causa, que pessoas vivam em uma realidade marcada pelo constante medo da violência, lixo espalhado por todos os cantos, carência de boas escolas e hospitais, entre outros.

Como já mencionado anteriormente, na medida em que a educação “bancária” não quer uma geração de pensadores, objetiva manter a opressão, assim como o Estado manipula e conquista os cidadãos para que estes não lutem pela sua libertação, de modo que permaneçam como oprimidos. Segundo o pedagogo pernambucano, uma das ferramentas de conquista utilizada pelos governantes é assumir uma postura messiânica:

“Como auxiliar desta ação divisória, encontramos nela uma certa conotação messiânica, através da qual os dominadores pretendem aparecer como salvadores dos homens a quem desumanizam. No fundo, porém, o messianismo contido na sua ação não pode esconder o seu intento. O que eles querem é salvar-se a si mesmos. E salvar sua riqueza, seu poder, seu estilo de vida, com que esmagam aos demais.” (FREIRE, 2013, p. 196)

A meu ver este messianismo pode ser encontrado com frequência na ação do Estado em locais que se encontram em más condições sociais, ambientais e econômicas. Na época de campanha política, principalmente, candidatos visitam diferentes comunidades em busca de votos. Prometem reformas nas ruas, retirada da sujeira, implementação da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), melhorias nos hospitais e escolas etc. Muitas destas medidas não são implementadas ou não atendem as reais necessidades da região. Portanto, não são capazes de modificar de fato o cenário vigente. Na verdade, os políticos não estão interessados em uma mudança profunda, pois esta poderia ser uma ameaça a atual opressão. Sobre este aspecto, o historiador Mário Brum afirma em seu livro “Cidade Alta: História, memórias e estigma de favela num conjunto habitacional do Rio de Janeiro”:

“Já vimos, através dos relatos orais ou escritos produzidos pelos moradores da Cidade Alta, que a noção de ‘abandono do Estado’ é muito forte. Ou que, no mínimo, a atuação do Estado é lenta e/ou de qualidade inferior às outras partes da cidade.” (BRUM, 2011, p. 304)

O descaso do Estado no que concerne a Cidade Alta provoca outra relação de opressão, na qual os traficantes de drogas são os opressores e os moradores, os oprimidos. Na medida em que o governo está omissivo, os chefes do tráfico assumem o seu papel dentro do bairro. Entretanto, utilizam as mesmas características para manter o poder como o autoritarismo, a manipulação e a conquista, pois seguem o modelo de opressão que estão acostumados.

Através do diário, registrei histórias e desabafos nas entrevistas e nas diferentes expressões dos alunos sobre as dificuldades de se viver num local aonde a violência é

diária e o perigo é constante. O filme feito na oficina do Vídeo Ambiental, resultado de todo o processo, revelou, entre outros aspectos, como muitas crianças são atingidas pela falta de liberdade de brincarem livremente nas ruas. Sobre a violência e a presença do tráfico de drogas no bairro, Brum afirma:

“O tráfico se tornou fator onipresente na vida dos moradores da Cidade Alta, seja por sentimentos de medo e rejeição, seja por sentimentos de admiração e intenção de demonstrar ‘ter contexto’. Isto é particularmente mais notado entre os jovens que cresceram tendo o tráfico como referência de poder local, embora não seja exclusividade destes. É o vivido pelos moradores da Cidade Alta, particularmente os mais jovens que não conheceram um outro cotidiano no complexo que não seja do território sob controle de quadrilhas, que é condicionante para sua leitura de mundo, e do seu local de moradia. Longe de implicar em uma necessária e inexorável introjeção da violência como código condutor de suas posturas por parte de todos os jovens que cresceram na Cidade Alta, ela é um condicionante no qual o jovem tem que lidar no seu campo de possibilidades. No que alguns acabam por optar por aquele estilo de vida que promete poder (em vários sentidos) e possibilidade maior e imediata de consumo, enquanto outros que não se envolvem são obrigados a criar estratégias para lidarem com isso, tão presente em sua realidade.” (BRUM, 2011, p. 299)

Além de apontar os traficantes como os representantes do poder local, o historiador também discorre acerca da possível admiração em torno deles e o desejo que alguns jovens possuem de entrarem para o tráfico. Acredito que tal fato pode ser relacionado com a possibilidade de os oprimidos sentirem-se atraídos pelo opressor, conceito apontado por Paulo Freire:

“Há por outro lado, em certo momento da experiência existencial dos oprimidos, uma irresistível atração pelo opressor. Pelos seus padrões de vida. Participar destes padrões constitui uma incontida aspiração. Na sua alienação querem, a todo custo, parecer com o opressor. Imitá-lo. Segui-lo.” (FREIRE, 2013, p. 68)

Outro aspecto expresso pelo autor em “Pedagogia do Oprimido” é o de que a opressão já é, por si só, uma violência:

“Basta, porém, que homens estejam sendo proibidos de ser mais para que a situação objetiva em que tal proibição se verifica seja, em si mesma, uma violência. Violência real (...) porque fere a ontológica e histórica vocação dos homens – a do ser mais. (...) Inauguram a violência os que oprimem, os que exploram, os que não se reconhecem nos outros; não os oprimidos, os explorados, os que não são reconhecidos pelos que os oprimem como outro. Inauguram o desamor, não os desamados, mas o que não amam, porque apenas se amam.” (FREIRE, 2013, p. 58)

Deste modo, poderíamos pensar que os traficantes praticam diversas formas de violência: a da opressão por si só e a violência física e psicológica. Os moradores da Cidade Alta são, portanto, impedidos de seu direito de ir e vir, de se manifestar e de viver, na medida em que correm o perigo de serem atingidos por uma bala perdida durante os frequentes tiroteios. A violência psicológica manifesta-se no sentimento de medo constante.

Por fim, há uma relação de opressão mais específica dentro daquela contradição Estado-moradores da Cidade Alta. Trata-se da prefeitura do Rio de Janeiro como oprimidora no seu descaso com o sistema educacional público carioca. Fatos observados na E.M. Armando Fajardo ao longo da oficina como o acidente do vidro na escola no dia 06/08, o desperdício de alimentos no refeitório, o tema do ano da escola ser “Quem ama, cuida”, a deficiência na alfabetização do aluno João etc, revelam alguns dos efeitos desta displicência.

A greve escolar ocorrida no ano de 2013 foi uma tentativa de melhorar as péssimas condições em que professores municipais e estaduais trabalham. O cenário da maioria das escolas públicas é lamentável: salas sem ventiladores ou ar condicionados, banheiros imundos, falta de água constante, cadeiras quebradas, entre outros. Segundo Paulo Freire, há uma *pedagogicidade na materialidade do espaço*:

“O descaso pelas condições materiais das escolas alcançava níveis impensáveis. Nas minhas primeiras visitas a rede quase devastada eu me perguntava horrorizado: como cobrar das crianças um mínimo de respeito as carteiras escolares, as mesas, as paredes, se o Poder Público revela absoluta desconsideração a coisa pública? É incrível que não imaginemos a significação do “discurso” formador que faz uma escola respeitada em seu espaço. A eloquência do discurso “pronunciado” na e pela limpeza do chão, na boniteza das salas, na higiene dos sanitários, nas flores que adornam. Há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço.” (FREIRE, 2011, p. 44)

O trecho acima se refere ao estado em que foram encontradas escolas municipais de São Paulo, porém poderia ser facilmente aplicável a muitas instituições escolares públicas do Rio de Janeiro, inclusive a E.M. Armando Fajardo. Quando o Poder Público não se importa com os ambientes escolares, serve de péssimo exemplo para os estudantes, os quais “imitam” a atitude do Estado e também não cuidam do ambiente escolar.

O tema da escola “Quem ama, cuida” serve de recado tanto para os alunos, quanto para os professores e funcionários. Provavelmente esta escolha da diretora aconteceu por conta dos problemas de infra-estrutura da E.M. Armando Fajardo. Luciana faz um grande esforço para deixar o ambiente escolar que coordena melhor possível, porém enfrenta dificuldades com a pouca verba concebida a manutenção do espaço. O Estado não está atento as necessidades de cada escola. É possível, portanto, compreender o caminho sugerido por meu aluno Miguel para a realização do seu sonho de ter uma educação e saúde de qualidade para as crianças: “Mudar de prefeito para um que pense mais nas pessoas do que nele mesmo”.

Nos últimos anos, a prefeitura adotou uma medida que modificou bastante o cenário da rede escolar do Rio de Janeiro. Trata-se da política da meritocracia, uma premiação das escolas que atingem uma determinada meta estabelecida pela prefeitura. O desempenho é avaliado de acordo com as notas obtidas em provas de português, matemática e ciências, unificadas em todas as escolas da rede municipal. Segundo o texto “Por uma educação sem meritocracia”:

“As escolas que atingem a meta são premiadas, funcionários e professores recebem um bônus, o 14º salário, que faz uma bela diferença no bolso de profissionais que são mal remunerados e tem seu trabalho desvalorizado. As avaliações têm base nos descritores e no material pedagógico (cadernos pedagógicos) produzido bimestralmente pela SME/RJ e encaminhado às escolas. Para atingir uma boa pontuação nas avaliações unificadas, é necessário que os professores sigam essas orientações, mesmo que elas não façam sentido no contexto em que ensinam.”⁸

Além de prejudicar a autonomia pedagógica dos professores, a meritocracia traz sérias consequências para os alunos. Na medida em que as avaliações bimestrais são compostas de questões de múltipla escolha e abrangem apenas três disciplinas, crianças e adolescentes não estudam diversos conteúdos e não têm oportunidade de refletir sobre os poucos conhecimentos que lhes são “transferidos”. Ademais, os alunos não necessitam estar habilitados a desenvolver a escrita para atingir uma boa nota neste tipo de prova.

A partir daí, não me surpreende o fato de meu aluno João, de uma turma de quarto ano, ter tantas dificuldades para ler e escrever. E nem tampouco me surpreende o fato dos participantes da oficina terem dificuldades para raciocinar e criar. Quando o mais importante é cumprir metas, a real aprendizagem do educando fica em segundo plano.

⁸ Disponível em <http://daslutas.wordpress.com/2013/09/28/o-que-esta-por-tras-da-meritocracia-no-sistema-educacional-do-rio-de-janeiro/> Data de acesso: 06/12/13

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de elaboração desta monografia foi de grande importância para a minha formação tanto como cineasta, quanto como educadora. Através de um estudo do projeto Vídeo Ambiental a partir de minha própria experiência, aprendi a ser uma melhor educadora de cinema, mas, sobretudo, a ser uma educadora problematizadora. Aliás, antes de dar início a pesquisa teórica deste trabalho, não sabia nem da existência de um termo para uma prática educativa fora dos padrões, diferente daquela que sempre me incomodou. Creio que exerço uma educação crítica e dialógica desde o meu primeiro trabalho no Vídeo Ambiental, na medida em que assumi a metodologia proposta pelo projeto. Porém, o conceito deste tipo de educação me era desconhecido.

Com a leitura de Paulo Freire, compreendi os principais objetivos e características da prática bancária e da problematizadora, os quais foram demonstrados através dos fatos concretos expressos no diário. A ligação entre a teoria e a prática foi essencial, pois os registros das minhas aulas comprovam os pontos levantados pelo autor pernambucano, da mesma maneira que os livros fortalecem meus relatos. A partir do pressuposto de que meu trabalho consistiu numa análise crítica sobre a minha prática, realizei uma espécie de auto-educação, pois um dos pressupostos da educação problematizadora é o conceito de *práxis*, uma constante junção entre ação e reflexão.

Ao realizar este trabalho, cresci enquanto educadora crítico-progressista e, portanto, cresci enquanto indivíduo inserido no mundo. Esta prática educativa promove o desenvolvimento do senso crítico, o questionamento do mundo, a formação moral e ética, a criatividade etc., com o objetivo de construir seres humanos preparados para a vida. Quando incentivo a problematização com meus alunos no Vídeo Ambiental e reflito acerca deste processo, me “auto problematizo” cada vez mais e me transformo enquanto ser humano, caminhando para o exercício crítico, horizontal, dialógico e autônomo em todos os aspectos da minha vida, não apenas em sala de aula.

Em todas as minhas experiências do Vídeo Ambiental, sempre senti muita felicidade e amor. Sensação tão forte e tão plena que me fez perceber que aquela era minha vocação, que apesar de todas as dificuldades, nenhuma profissão podia me fazer sentir tão completa quanto ensinar. Ao final do processo, na exibição dos filmes,

pensava em tudo aquilo que tinha acontecido, lembrando de alguns acontecimentos específicos, das filmagens, das brincadeiras, das idéias, dos processos, dos alunos que já sentia falta... Mas nunca havia me dedicado a uma reflexão tão profunda quanto nesta monografia. Desde a primeira aula em Costa Barros, em 2010, sempre senti que aprendia muito mais do ensinava, porém nunca senti que aprendi tanto quanto na minha experiência na E.M. Armando Fajardo.

Aprendizado este que ultrapassou significativamente os conhecimentos da realidade da região estudada, do ensino de cinema e educação ambiental, das atividades que funcionam e das que não funcionam, do universo dos alunos... para se estender a minha compreensão da educação de uma forma que nunca tinha acontecido antes. Através do meu diário, de sua análise e de todo o referencial teórico, entendi que a educação é uma das ferramentas de maior poder de transformação do mundo. Esta pode ser usada tanto para manter os homens alienados da realidade - manipulados por um Estado opressor que controla todas as instituições - inclusive a escola, quanto para ajudar na construção de homens que pensem, criem, critiquem, que alterem de alguma forma o cenário da opressão, ou que pelo menos reflitam sobre o mesmo. Hoje sinto, cada vez mais forte, a certeza de que nada me faz sentir tão plena quanto praticar uma educação problematizadora.

Percebi ainda, que o atual modelo educacional vigente no Brasil é preocupante e que existe uma urgência para modificar esta situação. Creio que a solução não é apenas implementar mais projetos artísticos nas escolas, pois é possível que estes incorporem as características da prática “bancária”. Acredito na capacidade de transformação da arte na vida das pessoas, desde que o seu ensino não seja pautado por uma educação opressora.

Tenho muito apreço pelo ensino do cinema e da educação ambiental abordados no Vídeo Ambiental, sendo que considero como seu maior mérito a sua metodologia “diferenciada”. Não são apenas o diagnóstico sócio-ambiental da região ou o filme feitos na oficina que podem construir crianças ou adolescentes preparadas para a vida, mas sim o seu caráter problematizador presente em todas as atividades do projeto. A meu ver, um professor de matemática que promove uma prática libertadora, modifica a realidade de forma muito mais profunda do que um professor de teatro que assuma o

ensino “bancário”. Qualquer tipo de educação, seja esta dentro ou fora de sala de aula, deve ser uma prática crítica, dialógica, horizontal e autonôma.

Pretendo, através desta monografia, incentivar os leitores a refletirem sobre a “problematização” de suas vidas, a pensarem se criticam, se criam, se dialogam, se amam... Mas principalmente, se lutam pela superação da possível atual situação de opressão em que se encontram. Se são de fato livres, ou se são controlados e manipulados para acreditar na sua falsa liberdade. Já aos educadores, creio que esta reflexão pode se estender para o questionamento da prática educativa. Mais do que apenas se perguntar, creio que todos devem lutar, apesar das dificuldades, para a construção de uma educação problematizadora. Faço uso de um último trecho de Paulo Freire, quem me ensinou tanto, para enfatizar meu ponto de vista:

“A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética. Não é algo que vem de fora da atividade docente, mas algo que dela faz parte. (...) Um dos piores males que o poder público vem fazendo a nós, no Brasil, historicamente, desde que a sociedade brasileira foi criada, é o de fazer muitos de nós correr o risco de, a custo de tanto descaso pela educação pública, existencialmente cansados, cair no indiferentismo fatalistamente cínico que leva ao cruzamento dos braços. “Não há o que fazer” é o discurso acomodado que não podemos aceitar. (...) A minha resposta a ofensa a educação é a luta política, consciente, crítica e organizada contra os ofensores.” (FREIRE, 2011, p. 65 e 66)

Acredito que todos nós, tanto educadores quanto educandos, devemos lutar de alguma forma para uma mudança no cenário do sistema educacional praticado na maior parte das escolas brasileiras. Nosso esforço não deve, portanto, ficar restrito a rede pública, mas também ser incorporado a todas as escolas que exercem uma educação “bancária”, sejam estas públicas ou particulares. Seja por meio do exercício de uma educação “problematizadora”, de greves, da realização de um filme e/ou outras manifestações artísticas ou até mesmo através de um trabalho acadêmico, podemos caminhar, pouco a pouco, para a construção de um mundo melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIM, Walter. **Reflexões, a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus Editorial, 1984.

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema: Pequeno tratado de transmissão de cinema dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: Booklink – CINEAD/ LISE/ UFRJ, 2008

BRUM, Mário Sérgio Ignácio. **Cidade Alta: História, memórias e estigmas de favela num conjunto habitacional do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de história, 2011.

DELEUZE, Gilles. **A Imagem – Movimento**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

DELEUZE, Gilles. **A Imagem – Tempo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo e GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre educação (Diálogos) – vol. 2.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FRESQUET, Adriana Mabel. **Fazer cinema na escola: pesquisa sobre as experiências de Alain Bergala e Núria Aidelman.** Disponível em <http://pt.slideshare.net/andreia73/fazer-cinema-na-escola> Data de acesso 06/12/13

MACHADO, Eliany Salvatierra. **Para quem gostar de perguntar: Uma reflexão sobre a Educomunicação.** In: LEONEL, Juliana e MENDONÇA, Ricardo Fabrino (org.). *Audiovisual comunitário e educação: histórias, processos e produtos.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. (Coleção comunicação e mobilização social)

MEC/MMA (Ministério da Educação e Ministério do Meio Ambiente) **Formando Com Vida.** Comissão do Meio Ambiente e Qualidade de Vida na Escola: Construindo a Agenda 21 na escola. Brasília, MEC. Coordenação geral de educação ambiental, 2004.

MORAES, Carolina da Luz. **Por uma educação sem meritocracia.** Disponível em <http://daslutas.wordpress.com/2013/09/28/o-que-esta-por-tras-da-meritocracia-no-sistema-educacional-do-rio-de-janeiro/> Data de acesso: 06/12/13

SME: Disponível em <http://www.rio.rj.gov.br/web/sme/exibeconteudo?id=2281500>
Data de acesso 05/12/13

Livro eletrônico Vídeo Ambiental 2012. Disponível em http://issuu.com/imaginefilmes/docs/va_2012_web Data de acesso: 06/12/13

VÍDEOS

A Educação Proibida. Eulam producciones, 2012. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=n9KeDTMEYSE> Data de acesso: 05/12/13

Amar é. Curta-metragem realizado pelos alunos do CIEP Presidente Samora Machel, sob a orientação de Ananda Bevacqua e Maria Paranaguá. Complexo da Maré, 2012. Disponível em <http://www.videoambiental.org/node/767> Data de acesso: 06/12/13

Maré reciclável. Curta-metragem realizado pelos alunos do CIEP Elis Regina, sob a orientação de Ananda Bevacqua e Maria Paranaguá. Complexo da Maré, 2012. Disponível em <http://www.videoambiental.org/node/768> Data de acesso: 06/12/13